



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE HUMANIDADES – CH  
UNIDADE ACADÊMICA DE HISTÓRIA – UAHis  
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA

**RAÍ DE MELO PORTO**

**DO LESTE ASIÁTICO PARA O BRASIL: UM OLHAR SOBRE A  
PRÁTICA DO *KUNG-FU* (功夫) EM CAMPINA GRANDE NAS  
DÉCADAS DE 1990-2000**

**CAMPINA GRANDE – PB**

**2024**

**RAÍ DE MELO PORTO**

**DO LESTE ASIÁTICO PARA O BRASIL: UM OLHAR SOBRE A  
PRÁTICA DO *KUNG-FU* (功夫) EM CAMPINA GRANDE NAS  
DÉCADAS DE 1990-2000**

Monografia apresentada ao curso de Licenciatura em História, do Centro de Humanidades da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito para obtenção do título de Licenciado em História.

Orientador(a): Prof. Dr. José Otávio Aguiar

**CAMPINA GRANDE – PB**

**2024**



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE HUMANIDADES  
UNIDADE ACADÊMICA DE HISTÓRIA

**ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

No dia 07 do mês de outubro do ano de 2024, às 18 horas, na sala virtual da plataforma Google Meet, teve início a Defesa do Trabalho de Conclusão de Curso de Licenciatura em História do aluno **Raí de Melo Porto**, sob o título \_\_\_\_\_

A Banca examinadora foi composta pelos professores:

<b>Nome Completo</b>	<b>Titulação</b>	<b>Função</b>
José Otávio Aguiar	Doutor	Orientador(a)
Rodrigo Wolff Apolloni	Doutor	Membro
Alex de Souza Felix	Mestre	Membro

Concluída a apresentação da defesa pelo(a) discente, os professores passaram a análise do trabalho produzido. Após as considerações finais, a Banca deliberou pela \_\_\_\_\_ do Trabalho de Conclusão de Curso do aluno Raí de Melo Porto, com nota \_\_\_\_ (\_\_\_\_\_).

Campina Grande, \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_\_.

\_\_\_\_\_  
Orientador – José Otávio Aguiar

\_\_\_\_\_  
Membro da Banca – Rodrigo Wolff Apolloni

\_\_\_\_\_  
Membro da Banca – Alex Souza Félix

*Foi pensando nas pessoas que executei este projeto, por isso dedico este trabalho a todos aqueles a quem essa pesquisa possa ajudar de alguma forma. Dedico também a todos que de forma direta e indiretamente ajudaram para seu acontecimento, além de todos os mestres os quais foram exemplos e se tornaram parte fundamental para que a nobre arte pudesse florescer de forma tão significativa.*

## **AGRADECIMENTOS**

Muitos acham que a conclusão de uma graduação é o fim de uma história e que tudo se encerra. Seu último semestre, sua última disciplina, a última aula e um último abraço naqueles que foram essenciais ao longo desses seis anos de curso. Porém, digo que o fim de uma graduação é a penas um início de um novo capítulo, com novas vivências, experiências e novos personagens nesta breve história que chamamos de vida.

Agradeço a Deus, não apenas por me guiar através das “tempestades acadêmicas”, mas, por me dar a paciência para lidar com as minhas frustrações e angustias ao longo do curso. Agradeço a esta universidade, seu corpo docente, direção e administração que oportunizaram a janela que hoje vislumbro um horizonte superior. Agradeço a todos os professores por me proporcionarem o conhecimento não apenas racional, mas a manifestação do caráter e afetividade da educação no processo de formação profissional, por tanto que se dedicaram a mim, não somente por terem me ensinado, mas por terem me feito aprender. A palavra mestre, nunca fará justiça aos professores dedicados aos quais sem nominar terão os meus eternos agradecimentos. Agradeço em especial ao grande professor, amigo e orientador deste trabalho José Otávio Aguiar, pela orientação acadêmica, apoio e confiança.

Agradeço aos meus eternos amigos Alex, Emanuel, Sidney, Mirelle, Vanessa, Jéssica e Emelly que, embora não tive a oportunidade de me formar com vocês, guardo na memória as boas conversas e risadas antes das aulas. Agradeço não somente a estes, mas outros amigos que fiz ao longo da graduação dentro e fora do curso pelas vivências e aprendizados que tivemos.

Agradeço a minha família. Meus pais Ivonize Alves de Melo e Raiff Porto Sobral, ao meu irmão Raff de Melo Porto pelo apoio incondicional em minha trajetória. Minha mensagem de agradecimento estende-se à comunidade acadêmica em geral, a todos que direta ou indiretamente fizeram parte de minha formação, criando um ambiente de crescimento mútuo e troca constante de conhecimento.

## RESUMO

### **DO LESTE ASIÁTICO PARA O BRASIL: UM OLHAR SOBRE A PRÁTICA DO *KUNG-FU* (功夫) EM CAMPINA GRANDE NAS DÉCADAS DE 1990-2000**

A prática do *Kung-Fu* no Brasil proporciona não apenas uma forma de defesa pessoal, mas também promove disciplina, autocontrole, desenvolvimento físico e mental, além de preservar e difundir a cultura chinesa. Os praticantes valorizam não apenas as habilidades marciais, mas também a história, tradições e filosofia associadas às artes marciais chinesas. Estas, representam um importante tesouro que foi compartilhado com o mundo, incluindo a comunidade sino-brasileira, e contribuiu para o enriquecimento cultural e físico dos praticantes no Brasil. Desde então, o *Kung-Fu* se enraizou no país e é praticado na maioria dos estados. Na Paraíba e sobretudo em Campina Grande, o *Kung-Fu* vem se desenvolvendo não somente como um modelo de luta desportiva ou um método de defesa pessoal, mas, é associada a um método de práticas culturais e tradicionais voltados ao bem estar físico e mental de seus praticantes. Este presente trabalho analisa com ênfase a gênese do *Kung-Fu* em Campina Grande na Paraíba. Utilizando como método o uso da história oral, buscamos aqui abordar como essa prática de arte marcial iniciou-se na cidade, importada através da cultura e tradição milenar chinesa.

**Palavras-chaves:** *Kung-Fu*; cultura chinesa; comunidade sino-brasileira; Campina Grande.

*Esvazie sua xícara primeiro, só então você poderá provar meu chá. Afinal de contas a utilidade da xícara está em poder esvaziar-se. Abra sua mente para receber novas ideias.*

**Bruce Lee**

## Do Leste Asiático para o Brasil: um olhar sobre a prática do *kung-fu* (功夫) em Campina Grande nas décadas de 1990-2000

*From East Asia to Brazil: a look at the practice of kung fu (功夫) in Campina Grande in the 1990s-2000s*

Autor – Raí de Melo Porto (UFCG), e-mail: [raidemeloporto@gmail.com](mailto:raidemeloporto@gmail.com)

Orientador – José Otávio Aguiar (UFCG), e-mail: [otavio.j.aguiar@gmail.com](mailto:otavio.j.aguiar@gmail.com)

---

### RESUMO

A prática do *Kung-Fu* no Brasil proporciona não apenas uma forma de defesa pessoal, mas também promove disciplina, autocontrole, desenvolvimento físico e mental, além de preservar e difundir a cultura chinesa. Os praticantes valorizam não apenas as habilidades marciais, mas também a história, tradições e filosofia associadas às artes marciais chinesas. Este presente trabalho analisa com ênfase a gênese do *Kung-Fu* em Campina Grande na Paraíba. Utilizando como método o uso da história oral, buscamos aqui abordar como essa prática de arte marcial iniciou-se na cidade, importada através da cultura e tradição milenar chinesa.

**Palavras-chave:** *Kung-Fu*; cultura chinesa; comunidade sino-brasileira; Campina Grande.

### ABSTRACT

The practice of Kung-Fu in Brazil provides not only a form of self-defense, but also promotes discipline, self-control, physical and mental development, in addition to preserving and spreading Chinese culture. Practitioners value not only martial skills, but also the history, traditions and philosophy associated with Chinese martial arts. This present work analyzes with emphasis the genesis of Kung-Fu in Campina Grande, Paraíba. Using oral history as a method, we seek to address how this martial art practice began in the city, imported through ancient Chinese culture and tradition.

**Keywords:** *Kung-Fu*, Chinese culture; Chinese-Brazilian Community; Campina Grande.

## 1. INTRODUÇÃO

O *Kung-Fu* é uma arte marcial com profundas raízes filosóficas provenientes do taoísmo e do confucionismo. Essas influências são evidentes em seus princípios de pacifismo, harmonia, virtude e etocracia, que incentivam os mestres a serem exemplos para seus alunos. O *Kung-Fu* transcende sua função inicial como técnica de combate e se torna uma prática esportiva amplamente praticada em todo o mundo. As artes marciais chinesas, como o *Kung-Fu*, têm raízes antigas na civilização chinesa, que foram desenvolvidas e aprimoradas ao longo do tempo. No Brasil, a comunidade sino-brasileira demonstrou um grande interesse nessas tradições por mais de cinquenta anos. O *Kung-Fu* absorveu vários elementos da cultura chinesa, como elementos históricos, marciais, terapêuticos, folclóricos e filosóficos. Essa mistura de influências, enriqueceu o conteúdo das artes marciais chinesas e as tornou um tesouro cultural.

A prática da Arte Marcial chinesa possui uma importância significativa não apenas como um conjunto de técnicas de luta e defesa pessoal, mas também como um pilar da cultura chinesa, que carrega elementos filosóficos, estéticos/artísticos e históricos. Atualmente, o *Kung-Fu* é difundido tanto entre aqueles que buscam a modalidade como atividade física e/ou esportiva, quanto entre aqueles que desejam conhecer mais sobre a cultura milenar chinesa. As técnicas, métodos de treinamento e tradições preservadas por mestres e professores em escolas e academias de luta, desempenham um papel importante na compreensão da rica cultura chinesa, transmitida ao longo de gerações e através do respeito ao legado marcial, valores, costumes e histórias do país. O estudo desse processo nos aproxima dos mestres pioneiros, que iniciaram os primeiros ensinamentos do *Kung-Fu* no Brasil.

APOLLONI4 e MARTA9 construíram discussões interessantes acerca das artes marciais e do “Kung Fu” a partir do uso de entrevistas. APOLLONI4 entrevistou diferentes gerações de mestres e praticantes do estilo Shaolin do Norte, desde o primeiro mestre a ensinar no Brasil, Mestre Chan Kwok Wai, até discípulos deste que espalharam sua arte pelo país. MARTA9 discutiu o papel das práticas marciais em São Paulo a partir de entrevistas com mestres eminentes de diferentes modalidades. (Ferreira, 2014, p.6-7)

Apesar das artes marciais possuírem uma longa história e o Brasil ter se mostrado um terreno fértil para o aprendizado dessas práticas e tradições culturais, ainda sabemos pouco sobre o processo histórico relacionado a essas práticas culturais, filosóficas e artísticas por trás das artes marciais e do *Kung-Fu*. Conhece-se pouco sobre o processo de chegada do *Kung-Fu* ao Brasil e sua disseminação a partir da criação da Academia Sino-brasileira de *Kung-Fu*, idealizada pelo Grão mestre Chan Kowk Wai mencionado por (Ferreira, 2014). Todavia, a Unidade Acadêmica de História, em parceria com o programa de Pós-Graduação em História da UFCG, tem desenvolvido, desde 2006, uma série de

atividades que possibilitam uma reflexão historiográfica, linguística, filosófica e antropológica sobre as práticas físicas e mentais associadas à Arte Marcial Chinesa. Essas atividades visam aprofundar o conhecimento sobre a chegada do *Kung-Fu* ao Brasil e sua importância como objeto de estudo acadêmico.

Este trabalho tem como propósito analisar a gênese do *Kung-Fu* em Campina Grande nos anos de 1990 - 2000 como método artístico e filosófico da cultura marcial chinesa, refletindo sobre os processos de inserção do *Kung-Fu* no Brasil. Buscamos compreender como o *Kung-Fu* vai se desenvolver em Campina Grande a partir dos primeiros mestres locais, e como o uso da “tradição” estará imbricada aos valores históricos e culturais repassados as gerações através do *Kung-Fu*. Pretendemos analisar também como o *Kung-Fu* encontra no Brasil formas de florescimento e como este elemento histórico e cultural concede formas de aprimoramento físico e mental, além de desenvolver um relacionamento coesivo entre Brasil e China. Para isto, foram feitas entrevistas com mestres de *Kung-Fu* em escolas de artes marciais em Campina Grande com o intuito de compreender como esta arte marcial é introduzida na cidade, além de estabelecer uma conexão coesiva com este público, onde, a partir do uso da história oral, possamos compreender como valores socio culturais e históricos estão imbricados nesta nobre arte marcial.

## 2. MATERIAIS E MÉTODOS

A História Oral (principal método de fonte para este trabalho) busca conhecer e aprofundar aspectos da realidade por meio de conversas e relatos orais. Ao valorizar as memórias e experiências individuais, a metodologia permite a compreensão de diferentes perspectivas e a construção de uma história mais inclusiva e plural. A história oral utiliza ainda, diferentes técnicas para coletar os relatos, como entrevistas individuais, grupos de discussão, questionários e diários pessoais. É importante que o pesquisador esteja consciente de sua posição de mediador e esteja aberto ao diálogo e às diferentes visões e interpretações dos entrevistados. Diferente de outras fontes em que o historiador se apoia para se estudar determinado tema, a história oral propicia um relacionamento intrínseco do pesquisador com seu objeto de pesquisa.

Uma das principais vantagens da História Oral é a possibilidade de dar voz aos grupos marginalizados ou excluídos da narrativa histórica tradicional. Ao valorizar as experiências individuais, a metodologia permite a compreensão de perspectivas diversas e a construção de uma história mais inclusiva e plural. Para garantir a confiabilidade dos relatos, é fundamental que o pesquisador tenha sensibilidade ao contexto e à subjetividade dos entrevistados. Além disso, é necessário criar um ambiente de confiança e intimidade, para que as pessoas se sintam à vontade para compartilhar suas memórias e experiências pessoais. Após a coleta dos relatos, o pesquisador deve

analisar e interpretar os dados, buscando identificar padrões, contradições e relações entre os diferentes relatos. Essa etapa é fundamental para a construção de uma narrativa coerente e significativa.

Importante também ressaltar que a verossimilhança das informações obtidas através de História Oral é uma questão crucial e complexa. Como os relatos são baseados nas lembranças pessoais dos entrevistados, é inevitável que haja elementos subjetivos e distorções ao longo do tempo. Além disso, as memórias são influenciadas pelas experiências individuais e pelas representações sociais presentes em determinado momento. Buscamos nesse sentido, compreender sobre as ideias de Verena Alberti em como utilizar entrevistas de história oral como um determinado tipo de fonte histórica. Segundo a autora, o uso de entrevistas não é uma exclusividade do campo da história, mas, é “empregada em diversas disciplinas das ciências humanas” – “suas especificidades estão no próprio fato de se prestar as diversas abordagens, de se mover num terreno multidisciplinar” (Alberti, 2004).

(Ruscheinsky, 2004) comenta também como devemos nos atentar para não “perpetuar estereótipos ou generalizações a partir dos relatos orais, levando em conta que cada indivíduo tem sua própria perspectiva e vivência”. A diversidade de vozes e experiências deve ser valorizada e considerada na análise. Em resumo, a veracidade das informações obtidas através de História Oral é um desafio, mas com uma abordagem crítica, contextualizada e comparativa, é possível obter dados valiosos e complementares para uma compreensão mais ampla e dinâmica da realidade estudada. Neste sentido, o campo da história oral e a prática etnográfica seriam abordagens distintas, mas que se complementariam, aplicadas nas ciências sociais e humanas para aprofundar o estudo de culturas, comunidades e experiências humanas, onde o objeto de pesquisa está diretamente ligado ao estudo desenvolvimento, com o intuito de “dar voz” aqueles que eram antes esquecidos.

A história oral, enquanto metodologia de pesquisa, tem seu foco na coleta e preservação de relatos diretos de testemunhas oculares e participantes de eventos históricos. Utilizando métodos que incluem gravação e transcrição de entrevistas, buscamos preservar e dar voz a narrativas individuais e coletivas muitas vezes negligenciadas por fontes escritas tradicionais. Este método enriquece a compreensão histórica ao incorporar perspectivas pessoais e experiências vividas.

Por sua vez, a prática etnográfica (método ligado a Antropologia das Ciências Sociais) como abordagem qualitativa, visa entender e descrever as práticas culturais e sociais de grupos específicos. Seus métodos envolvem a imersão do pesquisador na comunidade ou contexto estudado, utilizando observação participante, entrevistas, coleta de dados visuais e análise detalhada dos padrões culturais. Segundo (Geertz, 2006) em um estudo sobre as etnografias, o autor faz um estudo sobre o “estar lá”, afirmando a obrigação em que os etnógrafos têm de “ir ao lugar”, realizar a pesquisa e trazer as informações coletadas. O etnógrafo busca capturar nuances da vida cotidiana, valores, crenças e dinâmicas sociais, proporcionando uma compreensão “de dentro para fora”. Apesar de seus objetivos

distintos, essas abordagens frequentemente se complementam. A história oral pode se beneficiar da perspectiva etnográfica ao contextualizar as narrativas individuais dentro de ambientes culturais mais amplos. Ambas as metodologias contribuem significativamente para uma compreensão mais completa e holística de sociedades e culturas, enriquecendo o panorama de perspectivas e experiências humanas.

A História Cultural, por sua vez, foi utilizada neste trabalho como uma busca para compreender como a tradição e memória chinesa estará conectada as tradições e valores socioculturais do *Kung-Fu*. Sobre esse aspecto, é essencial abranger como os indivíduos e grupos sociais vivem, interpretam e transformam o mundo ao seu redor. Para explorar esse campo, é fundamental entender os conceitos de práticas e representações culturais e como eles interagem. Para isto, foi necessário compreender a história cultural sob a perspectiva de Roger Chartier.

As práticas culturais referem-se às atividades e comportamentos que fazem parte do cotidiano das sociedades. Essas práticas incluem rituais, tradições, hábitos e modos de vida que se perpetuam e evoluem ao longo do tempo. Exemplos de práticas culturais são festas religiosas, costumes alimentares, modos de vestir e formas de socialização. Estudar práticas culturais permite aos historiadores entender como as pessoas viviam e interagiam em diferentes períodos e contextos. As práticas culturais podem revelar muito sobre as estruturas sociais, as relações de poder e os valores de uma sociedade.

Segundo (Chartier, 1988) para investigar as práticas culturais, os historiadores podem utilizar uma variedade de fontes, como diários, cartas, registros de censos e material arqueológico. Além disso, a etnografia e a análise das práticas contemporâneas podem fornecer comparações úteis para entender mudanças ao longo do tempo.

“As representações culturais, por sua vez, referem-se às formas como as sociedades expressam e interpretam suas ideias e valores através da arte, literatura, mídia e discursos”, (Chartier, 1988). Para o autor essas representações incluem pinturas, literatura, cinema e até mesmo linguagem e símbolos. As representações culturais ajudam a entender como as sociedades percebem a si mesmas e aos outros. Elas podem refletir e reforçar ideologias, normas e estereótipos, e também podem servir como meio de resistência e contestação.

Os historiadores culturais analisam representações através de diversos métodos, incluindo análise textual, crítica de arte e estudos de recepção. Eles investigam como as representações mudam ao longo do tempo e como diferentes públicos interpretam essas representações. A interação entre práticas e representações é um aspecto fundamental da História Cultural.

Em conclusão, a História Cultural oferece uma perspectiva rica e multifacetada sobre como práticas e representações culturais estão interligadas. “Ao investigar essas dimensões, os historiadores podem obter uma compreensão mais profunda das forças que moldam as sociedades e das formas

como os indivíduos experimentam e interpretam o mundo ao seu redor” (Chartier, 1988). Estudar essas interações revela a complexidade da experiência humana e destaca a importância de considerar tanto “práticas” quanto “representações” para uma análise completa e enriquecedora da história cultural.

Conjuntamente, buscamos examinar de que forma a cultura ocidental molda sua perspectiva sobre a cultura oriental, investigando a apropriação cultural como um meio pelo qual a cultura imperialista do ocidente pode exercer influência e imposição sobre a cultura oriental. Nesse sentido, procuramos compreender as dinâmicas subjacentes desse processo, visando analisar as implicações dessa interação cultural com base nas ideias de Edward Said. Segundo (Said, 1978) o termo "Oriente" não se refere apenas a um espaço geográfico, mas é uma construção cultural e política do ocidente, cujo discurso reflete concepções de inferioridade e dominação.

Para compreender estes determinados estereótipos culturais tratado a partir das perspectivas de Edward Said e Roger Chartier, é fundamental que entendamos como suas ideias se conectam e oferecem uma compreensão mais profunda desse fenômeno social complexo. Edward Said, em seu livro "Orientalismo", investiga como os estereótipos são criados e mantidos através de discursos culturais e acadêmicos, especialmente na relação entre o Ocidente e o Oriente. (Said, 1978) argumenta que “o orientalismo representa uma forma de dominação intelectual e cultural, onde o Ocidente projeta suas próprias ideias e preconceitos sobre o Oriente, resultando em uma visão distorcida e simplificada dos povos orientais”. Esses estereótipos, conforme o autor, são usados para justificar e manter relações desiguais de poder, moldando percepções e atitudes que perpetuam uma hierarquia entre "civilizados" e "bárbaros".

Por outro lado, Roger Chartier, em seus estudos sobre a história cultural, foca na construção social do conhecimento e nas práticas de leitura e interpretação dos textos. (Chartier, 1988) ressalta como as representações culturais, incluindo os estereótipos, são moldadas por contextos históricos específicos e pela interação entre diferentes grupos sociais. Para ele, os estereótipos não são apenas resultados de uma visão unilateral, mas de negociações e disputas culturais dentro de um determinado contexto social. Ao combinar as abordagens de Said e Chartier, obtivemos uma visão abrangente dos estereótipos. (Said, 1978) destaca os mecanismos de poder e controle que sustentam e perpetuam estereótipos, enquanto (Chartier, 1988) mostra como esses estereótipos são moldados e reinterpretados ao longo do tempo, com base nas práticas culturais e nas interações sociais.

Dessa forma, propomos investigar a chegada do *Kung-Fu* em Campina Grande com o objetivo de analisar o impacto da interação entre a cultura oriental chinesa e a cultura ocidental brasileira, explorando as experiências e vivências de praticantes e mestres. Essa abordagem visa desvelar as complexidades das relações culturais, destacando como a prática do *Kung-Fu* atua como um ponto de encontro entre essas duas culturas aparentemente distintas. Buscamos entender como as trocas

culturais influenciam as percepções, desafiando estereótipos e estabelecendo um diálogo mais enriquecedor e igualitário entre ambas as culturas.

Ao longo da pesquisa, optamos por trabalhar com mais de uma fonte pesquisa em virtude da escassez de matérias que pudéssemos utilizar nesta pesquisa. Além da fonte de história oral, optamos por trabalhar fontes em imagens como recorte de nossa pesquisa. Desse modo, optamos por compreender as ideias de Eduardo França Paiva, sobre o uso de imagens como fontes históricas. Trabalhar com imagens na historiografia sempre foi algo normatizado, mas, segundo (Paiva, 2006) “o uso das imagens na perspectiva de fontes históricas é relativamente recente”. Segundo o autor, atualmente há uma variedade distinta de fontes históricas que fogem da perspectiva de uma produção historiográfica mais dogmática, onde essa produção de fontes históricas eram demasiadamente fechadas e teorizadas apenas aos arquivos e fontes documentais.

(Paiva, 2006) faz uma crítica sobre a interseção entre história e imagens, argumentando que “a imagem é um documento histórico em si, que precisa ser decodificado para que se compreenda o contexto no qual foi produzido” (Paiva, 2006). Para Paiva, a imagem não é apenas um reflexo do passado, mas um elemento ativo na construção da narrativa histórica, influenciando e sendo influenciada pelos discursos vigentes. Ele ressalta que as imagens, muitas vezes, oferecem uma perspectiva única que textos históricos tradicionais não capturam, oferecendo insights sobre a subjetividade e a cultura da época retratada. Contudo, Paiva também adverte que é crucial considerar o viés e as intenções dos criadores das imagens, pois estes fatores moldam como as realidades históricas são representadas e percebidas. Portanto, ao analisar imagens históricas, é essencial um exame crítico que vá além da aparência superficial, desvelando as complexidades e os contextos que essas representações carregam.

O uso das imagens como fonte histórica oferece uma rica perspectiva para a compreensão do passado, mas não está isento de desafios e limitações que demandam uma análise crítica. Imagens, como fotografias, pinturas e ilustrações, têm o potencial de revelar aspectos visuais e emocionais da história que documentos textuais muitas vezes não conseguem captar. Elas podem oferecer uma visão direta das práticas culturais, das condições sociais e das experiências individuais, proporcionando uma dimensão mais concreta e acessível para os pesquisadores e o público geral.

Entretanto (Paiva, 2006) ressalta que “o valor das imagens como fonte histórica deve ser cuidadosamente considerado”. Imagens são frequentemente moldadas pelas intenções e perspectivas dos seus criadores, o que pode introduzir viés e distorção na representação do passado. Fotografias, por exemplo, podem ser manipuladas ou selecionadas de maneira a reforçar determinadas narrativas, enquanto pinturas podem idealizar ou dramatizar aspectos da realidade histórica para atender a objetivos políticos ou estéticos.

O contexto da criação da imagem, incluindo quem a produziu, para quem foi destinada e com que propósito, deve ser sempre levado em conta para evitar interpretações unilaterais. Além disso, imagens muitas vezes oferecem uma visão parcial ou fragmentada da realidade histórica. Elas podem capturar apenas um momento específico, sem fornecer uma compreensão completa do contexto ou das dinâmicas em jogo. A análise crítica deve, portanto, ser acompanhada por uma consideração das fontes textuais e contextuais que ajudem a preencher as lacunas deixadas pelas imagens.

Em suma, enquanto as imagens são uma fonte valiosa e reveladora para o estudo da história, elas devem ser utilizadas com uma abordagem crítica e contextualizada. A combinação de imagens com outras fontes e a consideração cuidadosa de suas origens e intenções são essenciais para construir uma compreensão mais completa e precisa do passado.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

A história do *Kung-fu*, uma das mais antigas e influentes artes marciais do mundo, remonta a milênios e está profundamente enraizada na cultura chinesa. A origem desta prática é frequentemente atribuída ao lendário imperador *Huang Di*, conhecido como "Imperador Amarelo", que, de acordo com relatos de (Lee, 1975), teria promovido o desenvolvimento de técnicas de combate por volta do século XXVII a.C. Desde seus primórdios, o *Kung-fu* evoluiu significativamente, incorporando não apenas métodos de defesa e ataque, mas também filosofias que envolvem autoconhecimento, disciplina e equilíbrio.

O desenvolvimento sistemático do *Kung-fu* foi amplamente influenciado pelo Budismo, particularmente através do templo Shaolin, situado na província de Henan, China. Os monges Shaolin utilizavam o *Kung-fu* não apenas como forma de autodefesa, mas também como uma prática espiritual. Conforme salientado por (Kit, 2003, p. 37), "o *Kung-fu Shaolin* não era meramente uma técnica de combate, mas uma prática que integrava corpo e espírito, auxiliando os monges a manter sua saúde e alcançar estados elevados de consciência". Ao longo dos séculos, o templo Shaolin tornou-se um dos principais centros de desenvolvimento e difusão do *Kung-fu*, com suas técnicas sendo transmitidas de geração em geração.

Ao longo de sua história, o *Kung-fu* se subdividiu em diversas escolas e estilos, cada um refletindo as diferentes regiões e tradições da China. Dentre os estilos mais conhecidos estão o *Shaolin*, o *Wing Chun*, o *Hung Gar* e o *Tai Chi Chuan*, cada qual enfatizando aspectos distintos da arte marcial, como força, agilidade, fluidez de movimentos e o controle da energia interna, conhecida como *qi*. Em consonância com a filosofia confucionista, "o verdadeiro mestre não se distingue apenas pela força de seus punhos, mas pela sabedoria com que aplica sua força" (Confúcio, 2015, p. 22).

No século XX, o *Kung-fu* ganhou grande popularidade, em parte devido à contribuição de figuras como Bruce Lee, que desempenhou um papel fundamental na introdução dessa arte marcial

no Ocidente, principalmente por meio do cinema e da televisão. Lee destacou que "o *Kung-fu* não é simplesmente um conjunto de técnicas, mas um caminho para o autodesenvolvimento e a compreensão profunda de si mesmo" (Lee, 1975, p. 45). Essa perspectiva foi crucial para consolidar o *Kung-fu* não apenas como uma prática de combate, mas como uma filosofia de vida, pautada pela disciplina, respeito e equilíbrio.

A prática do *Kung-fu* transcende a simples execução de movimentos físicos, envolvendo uma profunda conexão entre corpo, mente e espírito. "*Kung-fu*", em sua essência, significa trabalho duro ou tempo e esforço, e essa definição reflete a dedicação necessária para dominar a arte. Como afirma Bruce Lee, "O *Kung-fu* não é apenas uma técnica de combate, mas sim a expressão direta de suas habilidades pessoais, desenvolvidas através de uma vida de disciplina e autoconhecimento" (Lee, 1975, p. 27). A jornada no *Kung-fu* não se trata apenas de vencer adversários, mas de vencer a si mesmo. A prática contínua, marcada por repetições incansáveis, é um exercício de paciência e humildade. O sábio provérbio chinês nos lembra: "A jornada de mil milhas começa com um único passo" (Confúcio, 2015, p. 16). No *Kung-fu*, cada técnica aprendida, cada postura dominada, é um passo nessa longa jornada rumo ao aprimoramento pessoal.

Além disso, o *Kung-fu* ensina o equilíbrio entre força e suavidade, uma dualidade que se reflete no conceito do *Yin-Yang*. O lutador não depende apenas da força física, mas também de sua flexibilidade mental. Como disse Lao Tzu, "A natureza do homem é como a água: ao encontrar obstáculos, ela flui ao redor deles" (Lao Tzu, 2007, p. 49). No *Kung-fu*, é preciso aprender a ser resiliente, adaptável e fluido, sem perder a direção. Assim, o *Kung-fu* é uma prática que desafia não apenas o corpo, mas também a mente e o espírito. Esta é uma filosofia de vida que ensina a importância da perseverança, do equilíbrio e do autoconhecimento. Como reflete (Kit, 2003, p. 56), "O verdadeiro *Kung-fu* não se mede em força bruta, mas em sabedoria, compaixão e autossuperação".

## **I. AS RAÍZES DO KUNG FU: DESCOBRINDO OS SEGREDOS DE UMA ARTE ATEMPORAL**

O *Kung-Fu* é uma arte marcial chinesa com raízes que remontam a mais de dois mil anos antes de Cristo, sendo uma das formas mais antigas de autodefesa conhecidas pela humanidade. Durante toda a sua história, a China foi marcada por inúmeras invasões que de certo modo obrigavam os guerreiros a aprofundarem mais suas técnicas de luta. Os primeiros relatos sobre a arte marcial chinesa remontam à dinastia *Xia*, que data de 2100 a.C. Os confrontos entre os diversos grupos obrigavam os guerreiros a se aprimorarem cada vez mais com intensos treinamentos e a idealização de várias técnicas diferentes, para que assim pudessem surpreender seus adversários.

Estes constantes confrontos, que se arrastaram durante toda a história da China, forçaram as artes marciais chinesas a evoluírem e se tornarem altamente eficientes. Para esta evolução também

contribuíram outros fatores, tais como a incorporação de elementos filosóficos e/ou religiosos, como o Budismo, Taoísmo e Confucionismo; além da medicina tradicional chinesa e técnicas marciais, valorizando assim a conduta moral de seus praticantes e a preservação da saúde, tornando o Kung-Fu não apenas uma técnica de luta, mas sim, um estilo de vida.

Estas três tradições filosófico-religiosas que emergiram e se desenvolveram na Ásia, especialmente na China, apesar de possuírem características únicas, é possível identificar elementos filosóficos e religiosos que dialogam entre si, revelando aspectos comuns entre estas tradições. O Budismo, Daoísmo (Taoísmo) e Confucionismo, juntamente com outras religiões nativas, constituíram elementos formadores da cultura tradicional do Leste Asiático. O taoísmo influenciou diretamente a religiosidade popular, além de ter exercido impactos profundos sobre as áreas das artes marciais e da Medicina Tradicional Chinesa.

O budismo, por sua vez, foi uma influência proeminente na formação e no desenvolvimento da civilização chinesa. Introduzido na China a partir da Índia através de *Sidarta Gautama*, o budismo passou a desempenhar um papel central na cultura chinesa a partir da Dinastia *Han*. Em contrapartida, tanto o Daoísmo (Taoísmo) quanto o Confucionismo surgiram dentro do território chinês e moldaram profundamente sua história e sociedade. O taoísmo, especificamente, constitui uma doutrina mística e filosófica que exerceu grande influência no pensamento e na prática espiritual chinesa ao longo dos séculos.

O termo “*Kung-Fu*” segundo (Aguiar, 2008, p.18) teve sua pronúncia mal interpretada a partir da observação dos filmes de Bruce Lee no ocidente, onde acabou por se predominar. “Kung Fu (Pin Yin: Kung fu) é uma palavra chinesa que pode significar “Tempo de habilidade” ou “Trabalho Duro” (Aguiar, 2008, p.19). Segundo o autor notamos que, embora a expressão errônea do termo “*kung-Fu*” para se dirigir as artes marciais chinesas, a expressão se predominou a partir dos filmes produzidos sobre essas mesmas artes marciais. Se quiséssemos utilizar a expressão correta para se tratar das artes marciais chinesas deveríamos utilizar a expressão “Wushu” que, literalmente significa arte marcial. Em uma tradução mais literal da palavra, “Wu Shu” se traduziria como “para as armas” (Aguiar, 2008, p.18). Isto nos leva a crer que as artes marciais chinesas funcionam como medidas profiláticas de auto defesa a partir de técnicas milenares, prevenindo assim ações violentas e ajudando o estado a manter o controle enquanto soberania nacional.

Ao longo dos últimos cinquenta séculos, a China desenvolveu uma civilização rica e diversa, moldada pela tensão, coesão, pensamento, religiosidade e movimento. Elementos como guerra, paz, pensamento, governo, poder e fé são partes intrínsecas dessa construção histórica, que pode ser vista como uma representação da própria humanidade. As artes marciais chinesas, formadas a partir do declínio da dinastia Ming (séc. XVI) e baseadas em tradições ainda mais antigas, são um reflexo da rica história da civilização chinesa. Segundo (Apolloni, 2008, p.20), a história milenar chinesa está

marcada por diversos “conflitos e possuem um vasto desenvolvimento filosófico e intelectual”, assim isto nos leva a crer sobre a vasta riqueza história e cultural da qual o *kung-fu* teve origem.

Comunidades que, ao longo do tempo e diante das necessidades, desenvolveram suas próprias técnicas de combate corporal com e sem armas. Ao contrário do que somos levados a crer, portanto, a história nos leva a perceber que não existe apenas uma arte marcial chinesa, mas dezenas de artes marciais chinesas, das quais algumas chegaram até nós. (Apolloni, 2008, p.20)

Logo, dada a complexidade e um vasto desenvolvimento sociocultural de um povo, fomos levados a crer no ocidente que as artes marciais chinesas foram concebidas a partir de uma única tradição. Entretanto, segundo o autor, a história nos proporcionou conhecer diversos outros estilos de artes marciais das quais uma pequena porcentagem chegou até nós. Podemos assim refletir a partir das ideias de (Said, 1978) para analisar como o ocidente constrói sua própria conjectura sociocultural do oriente e leste asiático. Assim como mencionado logo antes sobre a tradução errônea do termo *Kung-Fu* para se tratar sobre as artes marciais chinesas no ocidente, notamos que conhecemos uma pequena porcentagem das tradições socioculturais chinesas e asiáticas em geral associadas as artes marciais. (Said, 1978) define o Orientalismo como uma “construção, uma instituição presente no imaginário ocidental de várias maneiras, desde a associação com o exotismo nas relações sociais, a islamofobia e o processo civilizador”. Trazendo tais conceitos para nosso objeto de pesquisa observamos que a construção de um olhar sob o oriente a partir da perspectiva ocidental também é aplicada a cultura chinesa e asiática em geral, ocorrendo casos de xenofobia alo da história e que se reflete também na nossa contemporaneidade.

Na China, as artes marciais ocupam um papel primordial para a tradição sociocultural do país. As artes marciais chinesas se dividem em dois grandes grupos. O primeiro é o “*Waijia*” que pode ser compreendido como “escola externa”, e o segundo é o “*Neijia*” que pode ser traduzido por “escola interna”. Na escola externa (*Waijia*) é incluído a maior parte dos estilos cuja tradição visava o aprimoramento físico e/ou marcial, sendo compreendidos como “duros”. A maioria dos estilos externos se encaixam no estilo principal baseado nos movimentos de animais tais como o tigre, louva-a-deus, o macaco, a serpente e a garça.

Outros exemplos de estilo de Kung Fu externo são o *Sanshou* – ou *Sanda* ou boxe chinês – e o *Shuai jiao*, direcionados ao combate. O mais famoso representante desta tradição foi o mosteiro budista de Shaolin. Já a escola interna (*Neijia*) visa ao desenvolvimento interno, ou do *Chi*, abrangendo os estilos ditos “suaves”. A escola interna ficou mais conhecida a partir do templo Wudang, centro que enfatizava estilos tradicionais. Esta escola foca nos elementos corporais

internos como concentração, consciência de espírito e da mente, e o trabalho de desenvolvimento da energia vital.

Para compreender o processo de chegada do *Kung-Fu* ao ocidente e seu desenvolvimento em terras “tupiniquins”, precisamos nos atentar por qual motivo ocorreu esta chegada. A imigração chinesa para o Brasil na década de 1950, especialmente em 1959, marcou um período de crescente presença asiática no país, em meio a um contexto global de pós-guerra e de transformações políticas na China. Segundo (Ferreira, 2011), o Brasil se tornou um destino atrativo para muitos chineses que buscavam escapar das mudanças drásticas provocadas pela Revolução Chinesa e o estabelecimento da República Popular da China em 1949. Segundo (Cheng, 2013), esses imigrantes trouxeram consigo uma forte identidade cultural e contribuíram significativamente para a diversidade étnica do Brasil, estabelecendo-se principalmente nas grandes cidades, como São Paulo e Rio de Janeiro. A presença desses imigrantes chineses foi fundamental para a introdução e popularização da culinária chinesa e de outras tradições culturais no Brasil como as artes marciais.

O Brasil acolheu e cultivou com grande interesse por mais de cinquenta anos toda cultura e tradição de um povo. Com o tempo, o *Kung-Fu* incorporou e enriqueceu seu conteúdo com diversos elementos da cultura chinesa, integrando aspectos históricos, marciais, terapêuticos, folclóricos e filosóficos (Lima, 2000; Apolloni, 2004; Acevedo; Gutiérrez; Cheung, 2011; Mocarzel, 2011; Carneiro, 2013). No que diz respeito à sua dimensão filosófica, pode-se dizer que grande parte da essência do *Kung-Fu* é influenciada diretamente pelo taoísmo e confucionismo, filosofias profundamente enraizadas na história da antiga China e que também sustentam os princípios da medicina tradicional chinesa (MTC) (Mocarzel; Columá, 2015) e do budismo (Apolloni, 2004; Ilundáin-Agurruza, 2014). Essas influências também são percebidas nos valores educativos do *Kung-Fu*, como pacifismo, harmonia, virtude e etocracia – este último sendo o princípio que exige que os mestres sirvam de exemplo para seus discípulos (Murad, 2009).

Quando observado de forma mais abrangente, o *Kung-Fu* vai além de ser apenas um sistema de autodefesa, configurando-se também como uma prática que transmite valores educacionais. Ele orienta seus praticantes em uma jornada contínua de crescimento espiritual e busca pelo desenvolvimento pessoal (Bäck; Kim, 1979; Allen, 2013). Essa característica é o que define o *Kung-Fu* como uma verdadeira arte marcial, pois incorpora técnicas de combate alicerçadas em princípios educacionais sólidos e amplamente reconhecidos, que promovem harmonia, qualidade de vida, e, acima de tudo, o pacifismo entre aqueles que o praticam.

Importante refletir que, embora o *Kung-Fu* e as demais artes marciais fossem desenvolvidas como uma forma de aperfeiçoamento físico e formas de defesa pessoal, as artes marciais estavam inseridas em combates e em contextos de guerras por diversos motivos. Assim, O *Kung-Fu* é também conhecido tanto por sua diversidade de técnicas de combate quanto pelas inúmeras armas que

compõem seu arsenal. Segundo estudiosos da cultura marcial chinesa, as armas no *Kung-Fu* "não são apenas ferramentas de combate, mas extensões do corpo e da mente, exigindo tanto habilidade física quanto controle mental" (Li, 2008, p.45). Essa filosofia está presente no uso de várias armas tradicionais.



*Jian – Espada*

Fonte: Acervo da Escola Hu-Long (2024)

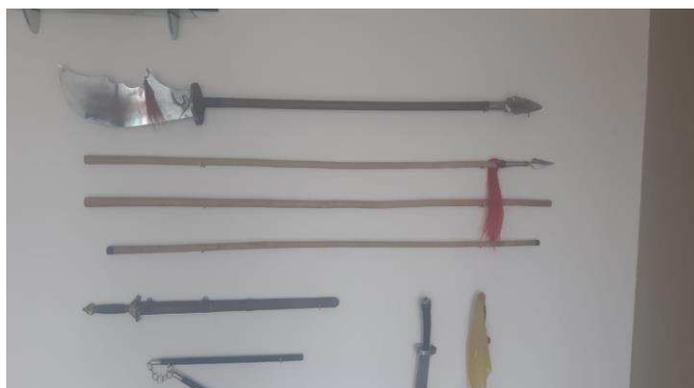
Uma das armas mais emblemáticas é a *Jian*, uma espada de dois gumes que representa a agilidade e precisão, que podemos ver na primeira arma mostrada na imagem acima. Como afirmado por (Wong, 2012, p.78), a *Jian* é conhecida como "a dama das armas" devido à sua elegância e técnicas refinadas. Comparada a outras espadas, ela exige uma combinação de fluidez e controle, sendo considerada uma das mais difíceis de dominar.



*Dao – Sabre*

Fonte: Acervo da Escola Hu-Long (2024)

Por outro lado, a *Dao*, ou sabre, é muitas vezes descrita como a arma do guerreiro, encontrada na imagem acima. De acordo com (Chen, 2015, p.61), "o *Dao* é uma arma de corte, poderosa e ideal para movimentos amplos, sendo eficaz em confrontos corpo a corpo". Sua lâmina curva e afiada em um único lado permite ataques devastadores.



Gùn – Bastão / *Guan Dao* – lâmina do general  
Fonte: Acervo da Escola Hu-Long (2024)

Outra arma fundamental no Kung Fu é o *Gùn*, ou bastão, que é "tão simples quanto versátil, sendo usado tanto para ataque quanto para defesa" (Zhao, 2010, p.32). O bastão é muitas vezes a primeira arma que um praticante de Kung Fu aprende, sendo crucial para o desenvolvimento de reflexos rápidos e coordenação. A *Qiang*, ou lança, é frequentemente chamada de "rei das armas" no *Kung-Fu*. (Lin, 2013, p.89) destaca que "a lança combina velocidade, precisão e flexibilidade, sendo temida tanto em combates diretos quanto em distâncias mais longas". A maestria com a lança requer destreza nos movimentos de estocada e varredura. Outra arma também empregada no *Kung-Fu* é a *Guan Dao*, ou lâmina do general, é a mais típica arma do *Kung-Fu*, podendo ser vista na imagem acima, sendo a primeira arma mostrada. O nome *Guan Dao* é uma homenagem ao seu usuário mais famoso, o General *Guan Yu* (160–219) um herói real também famoso como personagem do épico chinês "Os Três Reinos", escrito por *Luo Guanzhong* no século XIV. Ele é uma das figuras das artes marciais mais significativas, lendário "santo protetor" das artes marciais. É honrado em muitos altares ancestrais, e nenhuma escola de kung fu pode ser considerada "tradicional" sem a presença do General Guan.



Shuang Gou - Ganchos

Fonte: <https://www.vivermarcial.com/post/%E9%9B%99%E9%89%A4-shu%C4%81ngg%C5%8Du-as-famosas-espadas-ganchos>  
(2023)

Além das armas mais comuns, há aquelas mais exóticas e desafiadoras, como os *Shuang Gou* (ganchos duplos). "Essas armas podem desviar e prender as lâminas dos oponentes, tornando-se uma excelente ferramenta defensiva" (Sun, 2016, p.101). Embora raramente vistas fora de competições ou

demonstrações, os ganchos duplos exemplificam a criatividade e a engenhosidade do *Kung-Fu* tradicional. As armas do *Kung-Fu* não são apenas instrumentos de guerra, mas "verdadeiras extensões do espírito e da técnica" (Li, 2008, p.47), sendo utilizadas para cultivar habilidades físicas, disciplina mental e a harmonia entre corpo e mente. Seja com a elegância da espada Jian ou a força bruta do sabre *Dao*, cada arma carrega consigo uma filosofia única que contribui para a rica tradição do *Kung-Fu*.

## II. MESTRES DO TATAME: A HISTÓRIA DO KUNG-FU EM CAMPINA GRANDE

O *kung-Fu* possui uma tradição de milênios das quais uma pequena porcentagem chegou ao ocidente. Como dito anteriormente, o *Kung-Fu* se instalará no Brasil somente no século XX, em 1960; em virtude da revolução popular da China em 1949. Segundo relatos de quatro professores de *Kung-Fu* em Campina Grande, a arte marcial só chegaria na cidade na década de 1990, em virtude da popularização dos filmes Hollywoodianos de artes marciais.

Senhor Aderson, professor de *Kung-Fu* desde a década de 1990, relatou que antes na cidade de Campina Grande não existia nenhuma prática marcial voltada ao *Kung-Fu*. Segundo Aderson, antes do *Kung-Fu* existir na cidade de Campina Grande, as artes marciais mais praticadas eram o Karatê e o Taekwondo, graças também à popularização de alguns filmes de artes marciais.

Aderson: iniciei com Karatê, só depois que eu passei pela Avenida Militar que eu fui buscar conhecimento de Kung-Fu fora, para trazer para Campina Grande. Raí: Como surgiu o seu interesse pelo Kung-Fu, mas também como o senhor falou, praticou Karatê também, praticou, como é que surgiu esse interesse por essas modalidades marciais? Aderson: É interessante, parece engraçado, mas eu me interessei pela prática de artes marciais, que quando eu era adolescente, meus 13 anos, 12, 13 anos, eu era muito magro, e eu era meio fraco devido, minha estrutura física e tal, minha resistência física não era boa, porque eu tinha uns problemas respiratórios, tinha umas crises cansaço que me afetavam de vez em quando [...] Então eu tive a ideia de querer assistir um filme de Bruce Lee, e quando eu vi Bruce Lee metendo a perna nos cabra, no filme A Fúria do Dragão, eu disse, vou treinar artes marciais para ficar bom de briga, igual a esse cabra pra não apanhar mais. (Entrevista cedida por Aderson, 2024).

Como já havia mencionado, o grande auge das artes marciais não somente do *Kung-Fu* em Campina Grande veio através dos filmes sobre artes marciais que eram consumidos pelo grande público nesta época. Aderson (2024) buscou na arte na marcial uma forma de defesa contra o *bullying* sofrido na época e também condicionamento físico, tendo em vista segundo seus relatos que o mesmo tinha problemas de saúde quando era criança.

Senhor Aderson (2024) também relata que os exercícios corporais ajudaram o mesmo a ingressar na vida militar e se prepara para os testes físicos exigidos pelo exército. Ao sair do exército

e querendo continuar a praticar artes marciais, tentou se aperfeiçoar no *Kung-Fu*; todavia, não existia a arte marcial na cidade, sendo obrigado a se deslocar para a cidade de João Pessoa e Recife para poder aprender a arte marcial do *Kung-Fu*, que segundo relatos dele mesmo foi de forma muito “sacrificante”, devido as horas de viagem e também os custos de viagem e deslocamento.

Aderson: aí eu comecei a buscar fora, fui em João Pessoa, fui em Recife, atrás dos mestres, professores que tinha lá, para aprender de maneira muito sacrificante [...] aí eu pra ter essa prática, foi dificultosa pra mim, porque eu tinha que me deslocar pra fora, na época, quando eu comecei a treinar Kung Fu, eu já estava casado, eu trabalhava e estudava. Aí eu tirava, eu tirava um dia na semana, aí faltava a minha aula no colégio, aí me deslocava pra João Pessoa, fazia aula lá já no horário tarde, quando eu vinha de volta, quase duas horas da madrugada, porque não tinha mais ônibus, depois de meia noite eu apanhava um ônibus que ia pra Banda do Sertão, aí vinha duas horas da madrugada pra chegar aqui, quase umas quatro horas. Quando eu chegava aqui, no outro dia, eu tinha que me acordar cinco e meia da manhã pra ir trabalhar, aí eu aprendi com muita dificuldade, hoje em dia não, hoje em dia é mais fácil aprender Kung Fu. (Entrevista cedida por Aderson, 2024).

Um ponto relevante mencionado na entrevista refere-se à afirmação de Aderson de que o primeiro mestre responsável por introduzir e difundir o *Kung-Fu* no Brasil foi o grão-mestre Chan Kowk Wei. Entretanto, na região Nordeste, o desenvolvimento do *Kung-Fu* recebeu influências significativas de figuras como o mestre Júlio Kushida, em Recife (Pernambuco), o mestre Pong, no Ceará, e o mestre Lucas Cicerelli, em João Pessoa, discípulo de Júlio Kushida e também professor de Aderson. Aderson discorre ainda sobre o início da prática de *Kung-Fu* em Campina Grande. Após sua formação na arte marcial, e diante da inexistência de outras escolas voltadas para o *Kung-Fu* na cidade, Aderson decidiu retornar a Campina Grande com o objetivo de fundar a primeira academia da modalidade.

Outro aspecto de interesse foi o fato de que, no início da academia, em virtude da escassez de alunos, os primeiros praticantes de Aderson foram seus próprios filhos. Eles começaram a treinar como forma de auxiliar o pai na academia, mas acabaram desenvolvendo gosto pela prática, tornando-se atualmente atletas em campeonatos de *Kung-Fu*. Aderson também comenta as dificuldades enfrentadas no início das aulas, relatando a presença de muitos “charlatões” que alegavam conhecimento da prática de *Kung-Fu* adquirido apenas por meio de livros. Ele decidiu sair de Campina Grande para buscar formação com mestres reconhecidos e, posteriormente, trazer esse conhecimento de volta para a cidade.

Fui atrás de professores em João Pessoa, Recife, essas coisas. Aí quando me informei, eu comecei a ensinar Kung-Fu aqui em Campina Grande, com muita dificuldade até, porque pra ensinar tinha vários

charlatões aqui, esse cara que aprendia Kung-Fu por livros, vídeos, essas coisas, ficava criando confusão, querendo criar confusão comigo, porque eu ensinava o verdadeiro Kung-Fu, né? Que eu aprendi de mestre pra aluno, não era um falso Kung-Fu. (Entrevista cedida por Aderson, 2024).

Outro praticante da modalidade de *Kung-Fu Shaolin* do Norte da época de Aderson foi o professor Eliabe. Na sua entrevista o que mais marcou foi a afirmação de que o início da prática do *Kung-Fu* foi muito difícil, pelo interesse do público.

A gente tentou trazer outros professores para cá, a gente trouxe Fernandito, mas não deu certo, veio um cara de São Paulo, também não deu certo. Nós trouxemos Julio Kushida para dar uma demonstração enorme, foi uma coisa maravilhosa aqui na época, foi uma apresentação primorosa. Raí: mas o senhor acha que em parte não ter vingado, foi a questão também do interesse, o público aqui em Campina, que não conhecia tanto o Kung Fu em si. Eliabe: eu acho que se devia muito à condição financeira dos professores, porque até hoje ninguém consegue se sustentar ensinando Kung Fu. O Brasil é muito complicado você sobreviver de algo que você gosta. É muito difícil, a não ser as profissões mais padrões, mais populares, para ser um professor de artes marciais e sobreviver no Brasil, ele precisa ser um gigante mesmo e se dedicar só a isso, e muitas vezes tem que se formar em educação física para completar a coisa e tudo, enfim. (Entrevista cedida por Eliabe, 2024).

Como podemos observar, durante a entrevista, Eliabe menciona que houve diversas tentativas de trazer outros professores para Campina Grande. Entre eles, foi citado Fernandito, cuja experiência não teve êxito, assim como um instrutor vindo de São Paulo. No entanto, uma demonstração do mestre Júlio Kushida de Recife foi realizada com grande sucesso, considerada um evento marcante e uma apresentação de alta qualidade na época. Entretanto, Eliabe apontou então que a dificuldade de conseguir consolidar a prática marcial do *Kung-Fu* na cidade estava mais relacionada à condição financeira dos professores. Ele ressaltou que até os dias atuais, é muito difícil sustentar-se ensinando *Kung-Fu* no Brasil. Segundo ele, o país torna desafiador sobreviver de algo que se ama, exceto em profissões mais tradicionais e populares. Para ser professor de artes marciais e viver disso, é necessária uma dedicação enorme, e muitas vezes os professores acabam buscando formação em educação física para complementar a carreira.

Quando nós realizamos o evento aqui com Júlio Kushida, foi um evento que a gente se dedicou, Júlio Kushida estava precisando de uma grana, a gente cobrou pela entrada e tudo, mas o evento foi um fracasso, entre aspas, no sentido que não rendeu todo o dinheiro que cobrisse pelo menos o evento. Isso deu uma dor profunda em mim, porque eu não queria ter chateado o mestre, também não cobriu as despesas dele, ele já estava necessitado, quer dizer, já foi algo complicado. E quando a

gente terminou o evento todinho, eu prometi a mim mesmo que iria sair de Campina e iria trazer o Kung Fu para cá. E é por isso que eu digo que eu tive uma participação, porque quando eu fui para João Pessoa, treinei com o Danilo, foi que eu trouxe o Kung Fu que permanece até hoje. Fui eu que começou pelo menos o Shaolin do Norte, eu comecei a ensinar na Liberdade, persisti e joguei o legado para Aderson, depois Aderson para os filhos dele. Aí houve outros formados, teve Aderson, teve outros meninos que deixaram. (Entrevista cedida por Eliabe, 2024).

Observa-se, na citação, o esforço do professor Eliabe em promover e difundir a prática do *Kung-Fu* em Campina Grande. Eliabe relatou que o evento organizado com a participação do mestre Júlio Kushida foi frustrante no que diz respeito à arrecadação de fundos, não conseguindo cobrir as despesas do mestre, o que lhe causou grande desconforto, pois, segundo suas palavras, ele sentiu que havia desapontado o mestre Kushida. Após essa experiência, Eliabe decidiu redobrar seus esforços para introduzir o estilo de *Kung-Fu Shaolin* do Norte na cidade, apesar de que segundo ele próprio, o seu reconhecimento na cidade está ligado a muito mais a prática do *Tai Chi* do que o *Kung-Fu*. Ele iniciou suas aulas no bairro da Liberdade e, posteriormente, transmitiu esse legado a Aderson, que, por sua vez, deu continuidade à tradição, repassando o conhecimento a seus filhos, os quais hoje também atuam no cenário do *Kung-Fu*.

Na verdade não surgiu de mim, eu sempre digo isso, que surgiu por conta do meu pai, ele era o professor que a gente tinha até então, na década de 90 aqui, mais ativo, começamos os 3 filhos dele juntos, eu, meu irmão e minha irmã, meu irmão começou primeiro, depois entramos eu e minha irmã, lá pelos anos de 2000, e aí de início a gente não tinha tanto interesse assim, criança, queria brincar, queria ir para a academia se divertir, depois a gente foi pegando o gosto pela modalidade de alguma forma. (Entrevista cedida por Adjael, 2024).

Outro entrevistado foi o professor da escola Hu Long de *Kung-Fu*, Adjael Maracajá, filho de Aderson. Adjael comentou no início da entrevista que o seu interesse pelo *Kung-Fu* surge a partir das influências do seu pai Aderson na década de 1990, quando seus filhos começam a ajudar na academia. O entrevistado menciona ainda que inicialmente, o irmão mais velho começou a treinar, seguido pelo entrevistado e sua irmã nos anos 2000. No início, o interesse pela prática era limitado, uma vez que, como crianças, seu principal foco era a diversão e o desejo de brincar durante os treinos. No entanto, com o tempo, os irmãos gradualmente desenvolveram um gosto pela modalidade, incorporando-a em suas rotinas.

Raí: e a outra pergunta é exatamente sobre o foco principal da pesquisa no TCC, que se é justamente sobre essa chegada em Campina Grande. Acho que essa pergunta era muito mais viável a fazer ao seu pai, mas eu também queria saber tua opinião. Se ele já comentou isso contigo, com seus outros irmãos, sobre essa chegada. E como é que foi essa

chegada? Adjael: por ser filho ele sempre conta a história para os alunos dele também. Mas assim, o Kung Fu em Campina Grande surge ali por volta do início da década de 90. A gente tinha algumas pessoas praticando na cidade, mas a pessoa que ficou de fato até hoje, recentemente, foi meu pai. O professor Danilo Moesia, que foi o primeiro professor da Paraíba. Vinha às vezes aqui na cidade praticar, mas geralmente era meu pai que ia, até de uma pessoa treinar com ele. Meu pai já era praticante de Karatê. Mas junto com meu pai, Aderson, tinha também o professor Eliabe e tinha Givaldo. Eles são contemporâneos, começaram a treinar iguais. (Entrevista cedida por Adjael, 2024).

Na citação acima podemos analisar a abordagem do contexto histórico da introdução do *Kung-Fu* em Campina Grande, com foco especial no papel do pai do entrevistado, Adjael. Segundo Adjael, o *Kung-Fu* começou a se estabelecer na cidade no início da década de 1990. Embora houvesse alguns praticantes esporádicos, a figura central nesse processo foi seu pai, que permaneceu atuante até os dias atuais. O professor Danilo Moesia, considerado o primeiro professor de *Kung-Fu* da Paraíba, visitava Campina Grande ocasionalmente para treinar, embora fosse mais comum que o pai de Adjael viajasse a João Pessoa para treinar com ele. Vale destacar que o pai de Adjael já era praticante de Karatê antes de se dedicar ao *Kung-Fu*. Além dele, outros dois importantes nomes dessa geração de praticantes em Campina Grande foram os professores Eliabe e Givaldo, que treinaram em conjunto com Aderson, pai do entrevistado, e foram contemporâneos no desenvolvimento da prática marcial na cidade.

### **III. ABRINDO UM NOVO CAMINHO: A HISTÓRIA NÃO CONTADA DE YAU MAN E A ASCENSÃO DO KUNG FU EM CAMPINA GRANDE**

Para compreender sobre as diversas implicações que o *Kung-Fu* promoveu em Campina Grande, precisamos compreender sobre as várias modalidades e sub estilos que o *Kung-Fu* possui. A modalidade do estilo do *Kung-Fu Yau Man* em Campina Grande apesar de pouco conhecida, sua história possui várias gradações dentre os estilos. O *Kung-Fu Yau Man* tem origem a partir do mestre *Yau Zhang Fei* há mais de 400 anos. A história do estilo *Yau Man* está intrinsecamente ligada ao grupo conhecido na China com *Gai Ban*, que significaria andarilho ou mendigo. O grupo foi constituído por mestres e praticantes de diversos estilos de *Wu-Shu*, que se uniram com o propósito de auxiliar a população oprimida e lutar contra o governo Manchu.

Segundo (silva, 2010, p. 45), a união desses mestres visava não apenas a preservação das tradições marciais, mas também o apoio às comunidades em situações de opressão e violência. “Devido à perseguição imposta pelas autoridades, os integrantes do grupo adotaram disfarces de mendigos e andarilhos, o que lhes permitia transitar de forma anônima pelas vilas e cidades da China” (Zhuang, 2008). Em resposta à necessidade de enfrentamentos com as forças governamentais, os mestres líderes do grupo empreenderam um estudo sistemático dos principais estilos de combate da

época, com o objetivo de desenvolver um repertório de técnicas, tanto de luta desarmada quanto com o uso de armas, que proporcionassem maior eficácia em combate. Esse processo, como destaca (Wong, 2012), “visava maximizar as habilidades em combate para enfrentar as forças governamentais com eficiência”. O estudo e o aprimoramento culminaram na criação do que posteriormente seria denominado como o estilo Yau-Man de Wu-Shu (LI, 2009).

Entretanto, as dificuldades de comunicação interna e a forte repressão exercida pelas milícias do governo levaram à dissolução do grupo (Zheng, 2013). Um de seus principais líderes, o Mestre Yau Zhang Fei, buscou refúgio em uma região isolada, onde permaneceu por cerca de dez anos dedicando-se ao estudo das Artes Marciais e da Medicina Tradicional Chinesa (Yuan, 2015). O Mestre Yau Zhang Fei interrompeu seu isolamento em resposta a uma grande epidemia que assolou a região central da China, saindo de sua reclusão com o intuito de prestar auxílio à população afetada (Xiao, 2016).

Com a reputação consolidada por seus feitos notáveis, o mestre *Yau Zhang Fei* começou a peregrinar por diversas regiões da China, dedicando-se ao auxílio de doentes e aceitando indivíduos dignos como seus discípulos. O termo "Yau Man" passou a designar os seguidores do mestre *Yau Zhang Fei*, sendo adotado como o nome do estilo para escapar da perseguição do governo vigente ao antigo grupo *Gai Ban*. Dessa forma, os ensinamentos e o espírito do grupo *Gai Ban* foram reintegrados à sociedade, e desde então têm sido transmitidos pelas gerações subsequentes. Um aspecto fundamental que acompanhou o estilo *Yau Man* desde seus primórdios é sua estreita ligação com a Medicina Tradicional Chinesa, uma tradição que se mantém vigente até os dias atuais. Embora o *Kung-Fu* foi desenvolvido a partir das observações de confrontos entre animais por questões de sobrevivência, o estilo *Yau Man* foi criado e desenvolvido por meio de estudos e observações de diversos estilos com o objetivo de promover uma melhor eficiência em combates.

O Mestre *Yip Fu Kwan* iniciou seus estudos como discípulo de *Liu Fou Ming*, que era o líder da quarta geração do estilo *Yau Man*. Em 1973, ele deixou Hong Kong e, após percorrer diversas partes do mundo, escolheu São Paulo como moradia. Com mais de 30 anos de presença no Brasil, o Mestre Yip tem compartilhado seu conhecimento, transmitindo a seus alunos uma parte significativa da filosofia e cultura chinesa. Atualmente, ele é reconhecido como o único Grão-Mestre e líder mundial deste estilo.



Espada do imperador da dinastia Ming.  
Fonte: <https://yau-man.com.br/yau-man/>

Na imagem acima podemos observar a espada que pertenceu ao imperador da dinastia *Ming*, que foi entregue aos integrantes do grupo *Gai Ban* como forma de agradecimento por terem lhe salvo a vida. Desta forma, a espada se tornou um símbolo de poder para o estilo, sendo transmitida a todas as gerações, pertencendo atualmente ao grão mestre *Yip Fu Kwan*, representante da quarta geração de seu estilo.

Raí: e como é que o senhor iniciou nessa prática?

Fabrizio: a minha prática teve início em 97, quando eu era estudante ainda, de secundário, estudante de secundário. Meu professor de literatura, ele ensinava Kung-Fu no estilo Yau Man. E aí, um dos alunos suscitou a montagem de uma turma, de uma conversa informal com ele. Aí ele disse que topava, a gente estudava no antigo Geo Estúdio, né? E aí, nessa formatação de turma, como ele era um cara muito, muito cativante, assim, uma pessoa que era muito acessível, então ele conseguiu montar uma turma com 65 pessoas, né? Aí, dessas 65, ficaram 10, das 10 ficaram 3, das 3 sobrou eu. (Entrevista cedida por Fabrício, 2024).

Em Campina Grande na Paraíba, o estilo *Yau Man* floresceu de forma significativa. Na entrevista com Fabrício Lisboa Veras, praticante de *Kung-Fu* estilo *Yau Man* há quase 30 anos, Fabrício conta que iniciou na prática das artes marciais por volta de 1997, quando ainda era estudante do secundário por influência de seu professor de literatura que sabia um pouco do estilo e que foi encorajado por outros alunos a montar uma turma para ensinar o estilo *Yau Man*.

Então, normalmente, quando seguiam a velha guarda, como o pessoal chama hoje, eles tinham algumas maldições que os perseguiram. E aí, o mestre Liu Fon ming resolveu dar fim a essas maldições, não passar determinadas coisas para que as maldições não fossem replicadas à frente. E aí, nessa questão da passagem do conhecimento, foi ficando

mais restrito, certas coisas não eram mais passadas”. (Entrevista cedida por Fabrício, 2024).

Na entrevista com Fabrício o mesmo também relatou um pouco sobre a história por trás do estilo *Yau Man*. Fabrício contou que por ser um estilo de arte marcial o qual muitos ensinamentos e técnicas se resignificaram com o passar das gerações, não valeria mais a pena passar adiante nos dias de hoje; como por exemplo receitas de veneno e remédios que mestre Li deixou guarda para as gerações futuras.

Não, não, eu conheci ele em São Paulo, né? O mestre Fukuan e o mestre Neiburua, eles vivem em São Paulo, né? Um em São Paulo e o outro em São José dos Campos. Esse, esse vivia em Hong Kong, né? E treinou com o mestre Fukuan. Só que ele tentou se adaptar no Brasil e não conseguiu, né? Ele veio para São Paulo, tentou morar em São Paulo, mas não se adaptou. Cidade grande, uma língua muito diferente, ele já meio idoso. Aprender linguagem nova não foi bom para ele, não. Mas ele sabia muita coisa, assim, que era oculta do estilo, né? Que não se ensinava mais, né? Essa questão de... a parte de fazer veneno, fazer remédio, essa coisa toda ele deixou anotada para o mestre Li. E que, de vez em quando, ele dá uma olhada e coisa e tal, mas que para os conhecimentos de hoje não vale mais a pena passar essa frente. Não, não, não. Muita coisa com veneno, com coisa de... para a autodefesa, essas coisas, sabe? Que não se deve passar por esses dias para outras gerações, não. Não vale a pena, não. (Entrevista cedida por Fabrício, 2024).

Podemos observar também que em todas as entrevistas feitas há uma coisa em comum. Todos falam sobre as dificuldades financeiras e/ou adaptativas que os mestres tiveram ao chegarem em Campina Grande ou no próprio país, fazendo com que muitos desistissem de continuar morando no país ou dando aulas de artes marciais. Neste caso Fabrício conta que o mestre *Neiburua* veio de Hong Kong para morar em São Paulo e devido ao grande choque cultural, seja por viver em uma grande metrópole ou aprender uma língua totalmente diferente não conseguiu se adaptar, optando por voltar para a China.

Outro ponto a ser abordado sobre o estilo *Yau Man* é que por estar intrinsecamente ligado ao taoísmo, muitos mestres tem o hábito de não ter apego as coisas materiais.

O Yao Man, prioritariamente, ele é taoísta. Então, os hábitos do Yao Man não têm apego a muita coisa, ele anda de forma mais simplificada no dia a dia. O último mestre que faleceu, o Liu Fon Ming, é que toda vez que ele recebia roupa nova, ele pegava a tesoura e cortava. Porque assim, ele tinha um voto de pobreza. Então, ele tem essa questão, porque ele é da velha guarda, então, eles tinham um juramento, e o juramento dele era de pobreza [...], mas aí, o taoísmo carrega o lado da medicina, que é muito forte, a medicina chinesa, e a parte de vida simplificada, sem muita vaidade, sem demonstrar muito o que tem. Isso não significa que você não possa, por exemplo, ser uma pessoa bem

sucedida no seu negócio, mas também você não precisa esbanjar. (Entrevista cedida por Fabrício, 2024).

Como notamos na citação acima, sobre os hábitos do taoísmo praticados pelo mestre Liu Fon Ming, que cortava suas roupas ou as rasgava, como forma de demonstrar desapego as coisas materiais. Fabrício também conta sobre algumas dificuldades que o levou a fechar sua academia de *Kung-Fu* na cidade de Campina Grande.

“Raí: e hoje, o senhor tem algum centro que o senhor também ensina, se tem mais professores nesse estilo?

Fabrício: não, eu tinha até 2023, em 2023 eu tinha. Mas por que eu fechei? Porque eu morava aqui na Prata, aí me mudei, e nessa mudança ficou muito distante, e o centro estava cada vez mais desabitado devido à obra do Parque do Povo. Então, como havia muita gente que morava, que era morador, ou às vezes ficava se escondendo dentro do próprio açude novo, então começou a incomodar os idosos na frente da academia. E não só os idosos, mas até alunos recentes que chegavam, às vezes eram até afrontados por esses caras, e a gente teve que, muitas vezes, até afrontar eles, frente a frente, para poder... Aí eu terminei fechando o centro, para tentar mudar para outro local, tentar ver se eu vejo depois no Catolé. Mas atualmente eu estou dando aula onde eu moro mesmo, lá onde eu moro tem um espaço, tem um local para dar aula lá, mas por enquanto eu não estou recebendo nenhum aluno novo, estou esperando ver em um determinado momento para ver se consigo...” (Entrevista cedida por Fabrício, 2024).

Podemos observar que Fabrício relata sobre os motivos de fechado sua academia de *Kung-Fu* no período de 2023. Ele explica que o fechamento foi motivado por uma série de fatores, incluindo sua mudança de residência para uma localização distante do centro anterior e o aumento da desocupação e insegurança na região do Parque do Povo, que afetou a qualidade das atividades. O espaço começou a sofrer com a presença de indivíduos que, além de se esconderem nas imediações do açude novo, causavam desconforto a frequentadores da academia, especialmente aos idosos e novos alunos. Em resposta a essa situação, ele relata que, por vezes, foi necessário confrontar diretamente essas pessoas. Diante desse cenário, decidiu fechar o centro e considerar a abertura em outra localidade, como o bairro do Catolé. Assim, até o momento da entrevista ele ministra aulas no local onde reside, que possui um espaço adequado, embora ainda não esteja aceitando novos alunos, aguardando uma oportunidade futura para retomar as atividades de forma mais estruturada.

#### **IV. A EVOLUÇÃO DO KUNG-FU: DAS RAÍZES TRADICIONAIS ÀS COMPETIÇÕES MODERNAS**

O *Kung-Fu* é uma arte marcial chinesa com raízes que remontam a mais de 4.000 anos, desenvolvida ao longo de gerações, tanto como prática filosófica quanto técnica de combate. A arte

marcial abrange uma variedade de técnicas, incluindo chutes, socos, torções e combate corpo a corpo. Essas técnicas podem ser realizadas tanto com o uso exclusivo das mãos quanto com o auxílio de armas chinesas tradicionais, como bastões, espadas, ou outras armas tradicionais chinesas. Segundo (Liu, 1995), o *Kung-Fu* tradicional está profundamente ligado a práticas culturais e espirituais, sendo "uma expressão de valores éticos e de um modo de vida focado no autoconhecimento e na harmonia com o universo". Neste contexto, o praticante de Kung Fu tradicional busca mais do que apenas técnicas de luta; busca um caminho para o desenvolvimento pessoal e espiritual, integrado aos preceitos da filosofia taoísta e budista.

Como já foi mencionado anteriormente, originalmente, o termo "*Kung-Fu*" deveria ser referido como "*Wushu*" que, traduzido do chinês, significa "arte marcial". Dessa forma, qualquer técnica de combate, independentemente do seu estilo, seria uma ocorrência como o *Wushu*. No entanto, o termo "*Kung-Fu*" tornou-se amplamente conhecido como a designação da arte marcial chinesa, sendo popularizado principalmente através do cinema.

Todavia, podemos destacar a criação de um estilo denominado "*wushu moderno*", que tem como principal característica a prática demonstrativa, com ênfase em movimentos estéticos e acrobáticos. Esta técnica foi desenvolvida não com o intuito de combate, mas com foco na beleza visual para fins de demonstração e competições artísticas. Sendo um contraponto ao *Kung-Fu* tradicional, o "*Kung-Fu* esportivo" ou "*wushu moderno*" surge na China no século XX, tendo como objetivo principal a competição e a performance atlética. Segundo (Zhang, 2010), o *wushu* "foi desenvolvido como uma forma de padronizar as diversas escolas de *Kung-Fu* e torná-las mais acessíveis para o treinamento e exibição, especialmente nas competições nacionais e internacionais". Nesse sentido, o *wushu* enfatiza aspectos técnicos e estéticos, como acrobacias, velocidade e precisão dos movimentos, ao invés do foco em combate real ou no desenvolvimento espiritual. Neste contexto, há uma modalidade de combate chamada "*Sanda*", que foi concebida para suprimir a ausência de elementos combativos no *wushu* moderno, também conhecida como *wushu* olímpico.

Por outro lado, o *Kung-Fu* tradicional é voltado primordialmente para o combate. Nele, são estudados as bases, teorias e fundamentos específicos de cada estilo, sendo que a aplicabilidade das técnicas em combate varia de acordo com o estilo praticado. Uma diferença crucial entre as duas vertentes é o objetivo final de cada uma. Enquanto o *Kung-Fu* tradicional visa o "aprimoramento interno e a aplicação prática em situações reais de autodefesa" (Yang, 2005), o *Kung-Fu* esportivo busca a execução perfeita de sequências coreografadas, nas quais a precisão dos movimentos e a pontuação por juízes determinam o desempenho do atleta. (Zhang, 2010).

Além disso, os movimentos no *Kung-Fu* tradicional tendem a ser mais curtos e, esteticamente, considerados menos "estéticos" em comparação ao *wushu* moderno. Embora todos os movimentos possuem uma função clara, seja de ataque, defesa, contra-ataque ou esquiva. Nada é executado sem

um propósito combativo. Além do aprendizado técnico, o *Kung-Fu* tradicional promove o desenvolvimento físico e mental do praticante, incluindo o fortalecimento corporal, além do trabalho mental e filosófico por trás desta arte marcial. De acordo com (Pereira, 2021), "os praticantes de *Kung-Fu* tradicional tendem a valorizar os ensinamentos filosóficos e a conexão com a natureza, enquanto os atletas de *Kung-Fu* esportivo veem a prática como uma forma de arte física e competição". Isso reflete um afastamento dos princípios tradicionais e uma adaptação ao contexto esportivo globalizado, onde o objetivo principal é a medalha, e não o desenvolvimento pessoal.

Muitas técnicas dos diversos estilos de *Kung-Fu* são externas para atacar pontos específicos e, portanto, não são relevantes para competições esportivas. Algumas artes marciais, como *Ninjutsu*, *Krav Maga* e *Kung-Fu* tradicional treinam tanto a defesa pessoal quanto formas mais letais de combate, que podem ser praticadas de maneira controlada com parceiros de treino, exigindo, porém, extremo cuidado ao serem aplicados. Não há, necessariamente, uma superioridade entre uma modalidade e outra, mas sim uma escolha pessoal baseada nas preferências individuais. Aqueles que buscam uma prática externa para campeonatos ou projeções podem encontrar maior atração no wushu moderno, enquanto aqueles que preferem o combate tradicional ou uma modalidade de defesa pessoal podem se identificar mais com o *Kung-Fu* tradicional.

O Brasil abraçou não somente as artes marciais chinesas, mas abrangeu de forma significativa a modalidade de wushu olímpico. Segundo dados da Confederação Brasileira de *Kung-Fu Wushu*, o *wushu* foi incluído no programa dos Jogos Olímpicos da Juventude como modalidade oficial para 2022. Campina Grande, todavia, também não está de fora, onde a maioria das academias treinam seus atletas para competições na modalidade.

Na entrevista realizada com Adjael, o mesmo afirma que desde que iniciou seus estudos de *kung-fu* nunca praticou outro tipo de atividade física, praticando por um grande tempo o wushu olímpico.

Adjael: pratico o estilo Shaolin do Norte, sempre pratiquei o Shaolin do Norte, nunca pratiquei outra modalidade marcial, nunca pratiquei outro estilo do *Kung-Fu*, pratiquei bastante tempo o Wushu esportivo, o Wushu Olímpico que a gente conhece, que é uma prática voltada para a parte esportiva, durante uns 5 ou 6 anos, quando eu estava no meu auge de atleta. (Entrevista cedida por Adjael, 2024).

E em um outro momento da entrevista quando lhe é perguntado sobre os campeonatos de *Kung-Fu* e os pré-requisitos para competir, Adjael explica que cada professor e cada academia vai adequar a metodologia de treinos com relação as competições.

Raí: com relação aos campeonatos? Eu sei que você já participou, mas como é o pré-requisito aqui, pelo menos na escola que você ensina, para participar de um campeonato? [...] Adjael: Não, cada professor vai

adequar a metodologia e o método em relação a competições, porque existem competições oficiais, campeonatos estaduais, campeonatos nacionais. Particularmente eu gosto de influenciar o pessoal a competir desde o início, da base, do primeiro nível que a gente chama, o primeiro kati, porque nas competições locais, campeonato estadual, campeonato regional, tem essas modalidades para iniciantes. Então o treino para campeonato é focado em um modelo de alta qualidade técnica, física, a gente trata mesmo a modalidade como um esporte, como atletas, enfim, e seguimos os parâmetros [...] Campina Grande tem atletas que tem 5 títulos nacionais, minha irmã conseguiu 5 vezes seguidas ser campeã brasileira, até hoje ninguém conseguiu tirar esse recorde dela. Eu consegui já 4 vezes o campeonato nacional, fui 13 vezes campeão paraibano, aqui na academia a gente tem atleta que tem já 5 títulos paraibano, e agora em setembro, em outubro, a gente está indo novamente para Brasília, para o campeonato brasileiro, e mais de duas pessoas daqui representam a Paraíba. Então esse impacto que a modalidade tem do ponto de vista esportivo, competitivo, Campina Grande é uma referência. (Entrevista cedida por Adjael, 2024).

A partir da citação acima, notamos que Adjael aborda sobre como ocorre a iniciação dos praticantes de *Kung-Fu* em campeonatos, mas principalmente é relatado como Campina Grande se tornou uma referência a nível nacional para o esporte do wushu olímpico, a partir do esforço dos atletas em representar a modalidade em outros estados.

Outro ponto bastante interessante é a fala seguinte do entrevistado, relatando que todo esse reconhecimento aconteceu a partir de um rigoroso treinamento e esforço de cada um de seus atletas.

Adjael: a gente tem um tempo de pelo menos 15 ou 20 anos com uma escola que participa ativamente de competições e ganha geralmente as competições, isso é muito bom. E a influência é o próprio modelo de treino tradicional, rigoroso, de muito tempo. Em época de campeonato a gente chega a treinar 5 ou 6 horas por dia para ganhar um nível. Isso é uma prática que não é nova. A prática rigorosa no Kung Fu ela é antiga. O próprio termo Kung Fu significa isso. (Entrevista cedida por Adjael, 2024).

Precisamos compreender também sobre algumas mudanças que ocorreram pra conseguir tornar a arte marcial do *Kung-Fu* em uma modalidade olímpica. Como diversas golpe de luta eram traumatizantes e existia um grande risco de lesão nos campeonatos, o comitê olímpico decidiu remover a maioria dos golpes e formas de luta que pudesse gerar um incidente nos campeonatos. Segundo Aderson, atualmente o *Kung-Fu* está sendo adaptado para se tornar o *wushu* olímpico, porém, seria preciso algumas mudanças para que as competições fossem seguras.

Aderson: o kung fu está sendo adaptado para ser, o kung fu moderno está sendo praticado mais como esporte [...] O Kung Fu teve suas dificuldades de entrar nas Olimpíadas devido a certas regras que o Kung Fu tem que é mais complicada de retirar determinadas técnicas do Kung Fu pra colocar em Olimpíadas [...] Mas pra fazer isso, transformar uma

arte marcial como esporte, como fizeram com o Taekwondo, tem que ser modificada muita coisa [...] O Kung Fu, eles estão adaptando muitas coisas pra transformar o Kung Fu esporte, que é o chamado Kung Fu moderno. Mas a maioria dos mestres ainda estão se segurando na sua forma tradicional, por isso que ele trabalha às vezes as duas formas de maneira paralela, né? O Kung Fu esporte e o Kung Fu tradicional. O Kung Fu tradicional é onde você vê toda a essência do Kung Fu, vê a filosofia, vê a base, a prática de exercício inspiratório, o sistema profundo de defesa pessoal, porque a nossa arte é muito rica em defesa pessoal, sabe? Porque o Kung Fu era uma arte de guerra. (Entrevista cedida por Aderson, 2024).

Assim, a partir da fala de Eliabe, notamos o que já havia sido mencionado anteriormente. Eliabe menciona sobre as mudanças que precisaram fazer para transformar o Kung-Fu em uma modalidade esportiva, citando como exemplo o Taekwondo, onde o comitê olímpico achou necessário remover alguns golpes para adaptar a modalidade nos campeonatos. Em perspectiva comparativa com modalidades como Jiu Jitsu, Muay Thai e Judô, Eliabe menciona que essas artes foram pensadas com claro foco nas competições, mantendo-as intimamente relacionadas às competições esportivas. Segundo ele, apenas o Kung-Fu corre o risco de perder sua essência, pois aposta cada vez mais em medalhas e competições.

Nas entrevistas, além de termos acesso algumas fotografias de época e armas, também nos foi concedido o acesso a um acervo especial de medalhas e troféus dos mestres Aderson e Adjael, o qual tomamos liberdade de fotografar e documentar neste trabalho.



Medalhas e troféu de campeonato  
Fonte: Acervo pessoal Aderson (2024)



Medalha de homenagem  
Fonte: Acervo pessoal Aderson (2024)

Nas duas imagens notamos medalhas e um troféu referente aos campeonatos regionais e nacionais que tiveram a participação do mestre Aderson. Na segunda imagem notamos uma medalha referente ao campeonato de 2016 em que não só Aderson mas também Eliabe e Givaldo form homenageados pelos seus serviços e inserção da Kung-Fu na cidade de Campina Grande.



Medalha do 20º Campeonato de Kung-Fu Wushu Nacional  
Fonte: Acervo pessoal Adjael (2024)



Medalha do 20º Campeonato de Kung-Fu Wushu Nacional  
Fonte: Acervo pessoal Adjael (2024)

Na imagem acima cedida por Adjael notamos duas medalhas referente ao vigésimo campeonato nacional de Kung-Fu Wushu, realizado em Quiabá, no Mato Grosso, onde a academia Hu Long de Kung-Fu recebeu não apenas a medalha de ouro, mas também de prata. Também tivemos acesso a algumas fotografias do acervo pessoal do professor Aderson, que mostram algumas aulas, campeonatos e também um seminário de Kung-Fu com a participação do grão mestre Chan Kowk Wei, na década de 1990.



Aula demonstrativa de Kung-Fu  
Fonte: Acervo pessoal de Aderson (2024)



Aula de Kung-Fu  
Fonte: Acervo pessoal de Aderson (2024)



1º Seminário de Kung-Fu Wushu  
Fonte: Acervo pessoal de Aderson (2024)

Nas duas últimas imagens acima podemos observar duas aulas da modalidade Kung-Fu Shaolin do Norte entre as décadas de 1990. A segunda imagem respectivamente vemos a demonstração de um salto lateral realizado por Eliabe e a esquerda da imagem Aderson. A última imagem foi uma fotografia tirada no primeiro seminário de Kung-Fu Wushu, realizado em Recife.

Na imagem podemos ver a presença do grão mestre Chan Kwok Wei à esquerda, e do professor Aderson à direita. Nas imagens subsequentes podemos notar também algumas imagens do acervo pessoal de Eliabe.



Eliabe executando uma posição com Arma  
Fonte: Acervo pessoal de Eliabe (2024)



Eliabe e o mestre Jan Silberstorf  
Fonte: Acervo pessoal de Eliabe (2024)



Eliabe e Thomas Chan, filho do grão mestre Chan Kwok Wei  
Fonte: Acervo pessoal de Eliabe (2024)



Eliabe e o Mestre Shouzhi  
Fonte: Acervo pessoal de Eliabe (2024)

Na primeira imagem podemos observar Eliabe executando uma forma do Kung-Fu com uma arma tradicional. Na segunda imagem cedida por Eliabe, observamos ele junto com o mestre *Jan Silberstorff* que foi discípulo do Grão Mestre *Chen Xiaowang*. *Jan* é um autor alemão de Tai Chi e também mestre de Tai Chi e Kung-Fu. *Jan* ministra seminários no Brasil desde 2004, e em 2006 fundou com Liana Netto o ramo brasileiro da WCTA-Br ( *World Chen Xiaowang Taijiquan Tai Chi Chuan Association Brasil*), formalmente autorizada pelo Grão Mestre *Chen Xiaowang*, onde *Jan* ocupa o cargo de Diretor Técnico.

Na penúltima imagem observamos uma foto de Eliabe junto com *Thomas Chan*, filho do Grão Mestre *Chan Kowk Wei*, em uma das visitas de Eliabe ao centro da Academia Sino Brasileira de Kung-Fu, em São Paulo. *Thomas* mantém o legado da família e atualmente cuida do centro com sua família após a morte de seu pai em 2022. E na última imagem observamos Eliabe junto com o mestre *Shouzhi*. Essa foto retrata a visita do mestre *Shouzhi*, ligado ao budismo Chan chinês, e que foi organizada através de um monge que era discípulo dele. Segundo Eliabe, nesse dia o mestre promoveu algumas palestras no parque da criança e fez uma atividade com algumas as crianças, depois uma prática de meditação caminhando e meditação sentada. Nesse período, segundo Eliabe, foi feita também uma visita à comunidade chinesa, tiveram palestras no centro Espaço Equilibrar, em que Eliabe dava aula.

#### 4. CONCLUSÕES

Através desta breve análise histórica do Kung-Fu e suas raízes em Campina Grande, conclui-se que esta arte marcial é mais do que uma técnica de luta, sendo um caminho para o desenvolvimento de cada praticante. Seja nas origens lendárias junto ao imperador *Huang Di* ou na influência do Budismo sobre o templo Shaolin, o Kung-Fu sempre se relacionou com o corpo, a mente e o espírito do combatente, onde o guerreiro ao praticar o Kung-Fu precisaria ter a mesma serenidade e disciplina de um monge budista. Sua formação de séculos passou pelas diversidades regionais chinesas, bem

como absorveu as filosofias do budismo, daoísmo (taoísmo) e do confucionismo, respeitando o equilíbrio, a autodisciplina e o autoconhecimento. A disseminação mundial do Kung-Fu no século XX destacou não só aspectos técnicos, mas também a importância desta como filosofia de vida. O próprio conceito de “Kung-Fu”, como trabalho árduo e investimento de tempo, reflete a ideia de aprendizado e domínio desta arte.

A migração chinesa para o Brasil, especialmente no século XX, desempenhou um papel crucial na difusão dessa arte marcial em terras ocidentais, permitindo que o Kung-Fu se tornasse parte da cultura local. A introdução e aceitação dessa prática no Brasil são exemplos de como a interculturalidade pode enriquecer o cenário sociocultural de uma nação, refletindo a importância das artes marciais na construção de valores educativos e na promoção do pacifismo e harmonia. Assim, o Kung-Fu não apenas se destaca pela diversidade de suas técnicas de combate e uso de armas, mas também por ser uma prática de autoaperfeiçoamento contínuo, ancorada em princípios filosóficos sólidos que promovem harmonia e desenvolvimento espiritual. O estudo dessa arte marcial permite uma compreensão mais profunda da riqueza cultural chinesa e de como o ocidente construiu suas próprias interpretações, nem sempre precisas, sobre essa tradição milenar.

Sua prática requer não apenas esforço físico e técnico, mas também o domínio e controle do próprio eu. Desta forma, o Kung-Fu é muito mais do que uma arte marcial; ao contrário, é sobre o ato de se tornar um com o mundo ao redor. Esta interpretação é corroborada por valores tradicionais em que a paciência, o equilíbrio e a superação de si mesmos servem como os princípios fundamentais de um caminho do praticante. Em outras palavras, o Kung-Fu permanece como uma ferramenta de auto transformação que combina técnica e filosofia. Tudo isso visa a enquadrar um ser humano para o progresso constante que é a realização final.

Podemos destacar também sobre a evolução do Kung-Fu, que foi marcada por longos períodos de conflitos e tensões internas no território chinês que afetaram a emergência de várias escolas e estilos de luta que se adaptavam melhor às necessidades e circunstâncias de seu tempo. A filosofia do taoísmo, confucionismo, budismo e medicina chinesa contribuiu ainda mais para a consideração do Kung-Fu como prática holística que não se estende apenas ao nível físico do ser humano, mas transcende também para a moral e o lado espiritual. Sua incorporação à elementos filosóficos e éticos torna o Kung-Fu uma arte marcial única, cuja prática não se limita à defesa pessoal, mas se estende ao desenvolvimento integral do praticante, promovendo virtudes como pacifismo, disciplina e equilíbrio.

A análise sobre a evolução do Kung-Fu e suas vertentes, tanto tradicional quanto esportiva, revela a complexidade e o dinamismo dessa arte marcial milenar ao longo do tempo. O Kung-Fu, com raízes profundas na cultura e filosofia chinesa, especialmente no taoísmo e budismo, tem sido uma prática voltada não apenas para o combate, mas para o desenvolvimento pessoal e espiritual. A

entrevista com praticantes e mestres, revela a coexistência de dois modelos distintos: o Kung-Fu tradicional e o "Wushu Moderno" ou esportivo.

O Kung-Fu tradicional, com suas técnicas voltadas para a autodefesa e o aprimoramento pessoal, continua a valorizar a filosofia ancestral, integrando os praticantes a um caminho de autoconhecimento e harmonia com o universo. Essa vertente preserva o rigor dos treinamentos e a aplicabilidade prática das técnicas de combate em situações reais, mantendo sua essência e relevância. Como destacado por (Yang, 2005), o foco desse estilo está no "aprimoramento interno e na aplicação prática em situações reais de autodefesa", enfatizando o desenvolvimento físico, mental e espiritual.

Por outro lado, o Wushu Moderno, desenvolvido na China no século XX, transformou o Kung-Fu em uma prática esportiva com ênfase em competições e apresentações estéticas, como apontado por (Zhang, 2010). Essa modalidade se afastou dos fundamentos combativos e filosóficos do Kung-Fu tradicional, focando em acrobacias, precisão técnica e performance visual. A adaptação do wushu para o contexto esportivo reflete a tendência global de padronizar as artes marciais para as competições, como foi o caso do Taekwondo e do Judô. Todavia, essa transição para o esporte competitivo também levanta preocupações sobre a perda da essência tradicional do Kung-Fu. Essa dicotomia entre o Kung-Fu tradicional e o moderno ressalta a tensão entre preservar uma herança cultural rica e adaptar-se às exigências de um esporte cada vez mais globalizado.

Em Campina Grande, podemos destacar sobre há a forte tradição do Wushu Moderno, com atletas de destaque em competições nacionais e internacionais. A cidade se tornou uma referência no cenário esportivo brasileiro, demonstrando que, apesar das transformações, o Kung-Fu continua a prosperar como um esporte de alta performance. Dessa forma, o futuro do Kung-Fu parece depender de um delicado equilíbrio entre manter viva sua essência filosófica e prática, e abraçar as oportunidades oferecidas pelo esporte moderno. Ambos os caminhos têm seus méritos e oferecem diferentes perspectivas para os praticantes, seja na busca por conquistas pessoais e espirituais no Kung-Fu tradicional, ou no desenvolvimento de habilidades físicas e competitivas no Wushu Moderno. Em última análise, o que define a escolha entre essas vertentes é a preferência individual do praticante, e a arte marcial se adapta a essas diferentes demandas, garantindo sua relevância tanto como prática ancestral quanto como modalidade esportiva contemporânea.

Foi observado ainda que, o desenvolvimento do Kung-Fu em Campina Grande, na década de 1990, ocorreu de maneira gradual e com grande esforço por parte dos praticantes pioneiros. O relato de Aderson, um dos principais responsáveis por trazer a modalidade à cidade, demonstra a influência da popularização das artes marciais através de filmes e a determinação de buscar conhecimento fora da região, enfrentando dificuldades logísticas e financeiras. A criação da primeira academia de Kung-Fu por Aderson e a sua continuidade com a participação de seus filhos reflete um processo de transmissão cultural e a superação de barreiras para consolidar a prática na cidade.

A herança marcial, que passa de mestre para discípulo, se mostra fundamental para a sobrevivência do Kung-Fu em Campina Grande. A narrativa dos entrevistados evidencia a importância do papel familiar neste processo de continuidade, com os filhos de Aderson assumindo a responsabilidade de dar seguimento à prática e ao ensino da arte marcial. Portanto, o Kung-Fu em Campina Grande emerge como uma tradição que foi introduzida com dificuldade, mas que, através da dedicação e resiliência dos primeiros mestres, conseguiu estabelecer raízes e continua sendo praticada até os dias atuais.

## REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. **“Manual de História Oral”**. 3ª Ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2013.

CASSAB, Latif Antonia; RUSCHEINSKY, Aloísio. **Indivíduo e ambiente: a metodologia de pesquisa da história oral**. BIBLOS - Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação, [S. l.], v. 16, p. 7–24, 2007. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/biblos/article/view/125>.

PAIVA, Eduardo França. **História & Imagens**. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

CHARTIER, Roger. **A história cultural entre práticas e representações** Trad. de Maria Manuela Galhardo. Lisboa: Difusão Editora, 1988.

SAID, Edward. **Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007 (tradução de Rosaura Eichenberg), pp. 27 a 163 e 273 a 437.

AGUIAR, José Otávio de. **Entre o Kati e o Nirvana: Budismo, arte marcial e ascese em uma breve história das técnicas marciais do Mosteiro de Shaolin (Séc. XVI - XIX)**. Campina Grande - PB: EDUFPG, 2022. ISBN: 978-65-86302-59-2. Disponível em: <http://dspace.sti.ufcg.edu.br:8080/jspui/handle/riufcg/29586>. Acesso em 22.08.2024

APOLLONI, Rodrigo Wolff. **“Shaolin à brasileira”**: estudo sobre a presença e a transformação de elementos religiosos orientais no Kung-Fu praticado no Brasil. Dissertação de Mestrado em Ciências da Religião, Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2004.

APOLLONI, Rodrigo Wolff; AGUIAR, José Otávio. **Uma hipótese de leitura da narrativa marcial sobre a “destruição do mosteiro de Shaolin” em 1736**. In REVER (PUC-SP), v. 21, n. 3, 2021. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/rever/article/view/56280/38267>. Acesso em: 12.05.2024

BÄCK, Allan; KIM, Daeshik. **Towards A Western Philosophy of the Eastern Martial Arts**. Journal of the philosophy of sport, v.6, n.1, 19-28. 1979. Disponível em: <http://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/00948705.1979.10654147>. Acesso em 23.06.2024

CHEN, Q. **O poder do sabre: técnicas e filosofia**. Pequim: Martial Arts Publishing House, 2015.

CHENG, MING. **Os Chineses no Brasil: História, Cultura e Integração**. Rio de Janeiro: Editora História, 2013.

CONFÚCIO. **Os Analectos**. São Paulo: Editora X, 2015.

- FAIRBANK, J. K.; GOLDMAN, M. **China**: uma nova história. Porto Alegre: LP&M, 2006.
- FERREIRA, JOÃO. **Imigração Chinesa no Brasil**: História e Influências. São Paulo: Editora Cultura, 2011.
- KOWK, CHAN. **Tai Chi Chuan Estilo Yang tradicional**. São Paulo, 2014.
- KIT, Wong Kiew. **O caminho do Kung-fu**. São Paulo: Editora Y, 2003.
- LAO TZU. Tao Te Ching: **O Livro do Caminho e da Virtude**. Rio de Janeiro: Editora Z, 2007.
- LEE, Bruce. **A Arte do Kung-fu**. São Paulo: Editora W, 1975.
- LI, Jian. **O desenvolvimento dos estilos de Wu-Shu na China**. Pequim: Cultura Oriental, 2009.
- LI, Y. **A arte das armas chinesas**. Xangai: East China Press, 2008.
- LIN, T. **Dominando a lança**: uma história do Qiang no Kung Fu. Hong Kong: Dragon Press, 2013.
- Liu, J. **O Caminho do Kung Fu**: Tradições e Prática. Pequim: Editora do Povo, 1995.
- PEREIRA, R. **O Kung Fu no século XXI**: Tradição versus Modernidade. São Paulo: Editora Artes Marciais, 2021.
- PIMENTEL, F. Rodrigo Leão. **A economia política da transição chinesa no último quartel do século XX**. Disponível em:  
[https://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/6288/1/RTM\\_v4\\_n3\\_Economia.pdf](https://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/6288/1/RTM_v4_n3_Economia.pdf), Acesso em:  
15.07.2023
- SILVA, José. **A resistência marcial na China Imperial**: da dinastia Ming à Revolução de Xinhai. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- SUN, W. **A versatilidade das armas de Kung Fu**. Taipei: Martial Heritage Books, 2016.
- WONG, Ling. **A arte da guerra e os estilos de combate chineses**. Hong Kong: Wu-Shu Press, 2012.
- WONG, M. **A elegância do Jian**: esgrima no Kung Fu. Hong Kong: Bamboo Forest Publishers, 2012.
- XIAO, Rong. **Medicina tradicional chinesa e seu impacto na sociedade contemporânea**. Xangai: TCM Publishing, 2016.
- YANG, J. **Kung Fu Tradicional**: O Caminho do Guerreiro. Hong Kong: Martial Arts Press, 2005.
- YUAN, Feng. **Mestres do passado**: vida e legado de Yau Zhang Fei. Cantão: Wushu Traditions, 2015.
- ZHAO, L. **Os fundamentos do armamento chinês**. Pequim: Cultural Arts Press, 2010.

ZHENG, Ming. **História das artes marciais e sua aplicação social**. Pequim: Red Dragon Press, 2013.

ZHANG, H. Wushu: **A Modernização das Artes Marciais Chinesas**. Xangai: Sports Publishing House, 2010.

ZHUANG, Wei. **Caminhos da resistência**: os mestres andarilhos na China Imperial. Hong Kong: Phoenix Publishers, 2008.

## ANEXOS



### UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA DO CENTRO DE EDUCAÇÃO E SAÚDE



## TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

### DO ORIENTE PARA O OCIDENTE: UM OLHAR SOBRE A PRÁTICA DO KUNG-FU (功夫) EM CAMPINA GRANDE

Você está sendo convidado(a) a participar do projeto de pesquisa acima citado, desenvolvido sob responsabilidade do orientador Dr. José Otávio Aguiar - UFCG. O presente documento contém todas as informações necessárias sobre a pesquisa que estamos fazendo. Sua colaboração neste estudo será de muita importância para nós, mas se desistir a qualquer momento, isso não causará nenhum prejuízo a você.

---

Eu Fabrício Lisboa Veras, concordo de livre e espontânea vontade em participar como voluntário(a) do estudo "Do oriente para o ocidente: um olhar sobre a prática do kung-fu em campina grande". Declaro que obtive todas as informações necessárias, bem como todos os eventuais esclarecimentos quanto às dúvidas por mim apresentadas.

Estou ciente que:

- I) (Explicitar o(s) objetivo(s) da pesquisa);
- II) (Descrever a justificativa e os procedimentos metodológicos de maneira compreensível ao participante da pesquisa);
- III) (Explicitar dos possíveis desconfortos, riscos e benefícios do estudo para o participante, e a garantia de que danos previsíveis serão evitados);
- IV) (Esclarecer sobre o acompanhamento do participante da pesquisa durante a pesquisa e após o término);
- V) (Esclarecer as garantias quanto a liberdade de desistir ou de interromper a colaboração na pesquisa no momento em que desejar, sem necessidade de qualquer explicação ou penalização);
- VI) (Informar sobre a garantia de manutenção do sigilo e da privacidade dos participantes da pesquisa durante todas as fases da pesquisa);
- VII) (Informar sobre a garantia de que os resultados serão mantidos em sigilo, exceto para fins de divulgação científica);

Atestado de interesse pelo conhecimento dos resultados da pesquisa:

( X ) Desejo conhecer os resultados desta pesquisa

( ) Não desejo conhecer os resultados desta pesquisa.

VIII) Atestado de consentimento para a gravação da voz e/ou imagem:

( X ) Consinto a gravação da minha voz e/ou imagem.

( ) Não consinto a gravação da minha voz e/ou imagem.

IX) (Informar sobre a garantia de recebimento de uma via do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, com todas as páginas rubricadas e aposição de assinatura na última página, pelo pesquisador responsável);

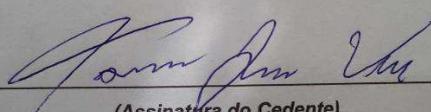
X) (Explicitar da garantia de ressarcimento e como serão cobertas as despesas obtidas pelos participantes da pesquisa e dela decorrentes);

XI) (Explicitar da garantia de indenização diante de eventuais danos decorrentes da pesquisa);

XI) Caso me sinta prejudicado(a) por participar desta pesquisa, poderei recorrer ao Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Educação e Saúde da Universidade Federal de Campina Grande, localizado na Rua Profª. Maria Anita Furtado Coelho, S/N, Sítio Olho D'Água da Bica, Bloco: Central de Laboratórios de Análises Clínicas (LAC), 1º andar, Sala 16. CEP: 58175 – 000, Cuité-PB, Tel: 3372 – 1835, E-mail: [cep.ces.ufcg@gmail.com](mailto:cep.ces.ufcg@gmail.com);

XII) Poderei também contactar o pesquisador responsável, por meio do endereço, e-mail e telefone (inserir endereço, e-mail e telefone institucional do pesquisador responsável).

**Campina Grande-PB, 03/09/2024.**



(Assinatura do Cedente)

---

( X )Participante da pesquisa / ( )Responsável



---

**Pesquisador responsável pelo projeto**

José Otávio Aguiar



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA DO CENTRO DE EDUCAÇÃO E  
SAÚDE**



**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)**

**DO ORIENTE PARA O OCIDENTE:  
UM OLHAR SOBRE A PRÁTICA DO KUNG-FU (功夫) EM CAMPINA GRANDE**

Você está sendo convidado(a) a participar do projeto de pesquisa acima citado, desenvolvido sob responsabilidade do orientador Dr. José Otávio Aguiar - UFCG. O presente documento contém todas as informações necessárias sobre a pesquisa que estamos fazendo. Sua colaboração neste estudo será de muita importância para nós, mas se desistir a qualquer momento, isso não causará nenhum prejuízo a você.

---

Eu Eliabe Serafim, concordo de livre e espontânea vontade em participar como voluntário(a) do estudo "Do oriente para o ocidente: um olhar sobre a prática do kung-fu em campina grande". Declaro que obtive todas as informações necessárias, bem como todos os eventuais esclarecimentos quanto às dúvidas por mim apresentadas.

Estou ciente que:

- XII) (Explicitar o(s) objetivo(s) da pesquisa);
- XIII) (Descrever a justificativa e os procedimentos metodológicos de maneira compreensível ao participante da pesquisa);
- XIV) (Explicitar dos possíveis desconfortos, riscos e benefícios do estudo para o participante, e a garantia de que danos previsíveis serão evitados);
- XV) (Esclarecer sobre o acompanhamento do participante da pesquisa durante a pesquisa e após o término);
- XVI) (Esclarecer as garantias quanto a liberdade de desistir ou de interromper a colaboração na pesquisa no momento em que desejar, sem necessidade de qualquer explicação ou penalização);
- XVII) (Informar sobre a garantia de manutenção do sigilo e da privacidade dos participantes da pesquisa durante todas as fases da pesquisa);
- XVIII) (Informar sobre a garantia de que os resultados serão mantidos em sigilo, exceto para fins de divulgação científica);

Atestado de interesse pelo conhecimento dos resultados da pesquisa:

- ( X ) Desejo conhecer os resultados desta pesquisa  
( ) Não desejo conhecer os resultados desta pesquisa.

XIX) Atestado de consentimento para a gravação da voz e/ou imagem:

- ( X ) Consinto a gravação da minha voz e/ou imagem.  
( ) Não consinto a gravação da minha voz e/ou imagem.

XX) (Informar sobre a garantia de recebimento de uma via do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, com todas as páginas rubricadas e aposição de assinatura na última página, pelo pesquisador responsável);

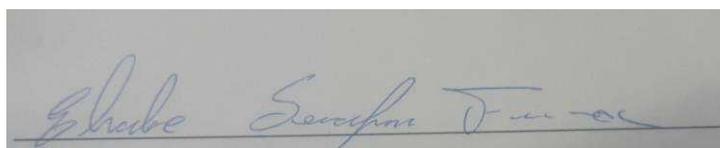
XXI) (Explicitar da garantia de ressarcimento e como serão cobertas as despesas obtidas pelos participantes da pesquisa e dela decorrentes);

XXII) (Explicitar da garantia de indenização diante de eventuais danos decorrentes da pesquisa);

XI) Caso me sinta prejudicado(a) por participar desta pesquisa, poderei recorrer ao Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Educação e Saúde da Universidade Federal de Campina Grande, localizado na Rua Prof<sup>a</sup>. Maria Anita Furtado Coelho, S/N, Sítio Olho D'Água da Bica, Bloco: Central de Laboratórios de Análises Clínicas (LAC), 1º andar, Sala 16. CEP: 58175 – 000, Cuité-PB, Tel: 3372 – 1835, E-mail: cep.ces.ufcg@gmail.com;

XII) Poderei também contactar o pesquisador responsável, por meio do endereço, e-mail e telefone (inserir endereço, e-mail e telefone institucional do pesquisador responsável).

**Campina Grande-PB, 03/09/2024.**



---

**( X ) Participante da pesquisa / ( ) Responsável**



---

**Pesquisador responsável pelo projeto**  
José Otávio Aguiar



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA DO CENTRO DE EDUCAÇÃO E  
SAÚDE**



**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)**

**DO ORIENTE PARA O OCIDENTE:  
UM OLHAR SOBRE A PRÁTICA DO KUNG-FU (功夫) EM CAMPINA GRANDE**

Você está sendo convidado(a) a participar do projeto de pesquisa acima citado, desenvolvido sob responsabilidade do orientador Dr. José Otávio Aguiar - UFCG. O presente documento contém todas as informações necessárias sobre a pesquisa que estamos fazendo. Sua colaboração neste estudo será de muita importância para nós, mas se desistir a qualquer momento, isso não causará nenhum prejuízo a você.

---

Eu Adjael Maracajá, concordo de livre e espontânea vontade em participar como voluntário(a) do estudo "Do oriente para o ocidente: um olhar sobre a prática do kung-fu em campina grande". Declaro que obtive todas as informações necessárias, bem como todos os eventuais esclarecimentos quanto às dúvidas por mim apresentadas.

Estou ciente que:

- XXIII) (Explicitar o(s) objetivo(s) da pesquisa);
- XXIV) (Descrever a justificativa e os procedimentos metodológicos de maneira compreensível ao participante da pesquisa);
- XXV) (Explicitar dos possíveis desconfortos, riscos e benefícios do estudo para o participante, e a garantia de que danos previsíveis serão evitados);
- XXVI) (Esclarecer sobre o acompanhamento do participante da pesquisa durante a pesquisa e após o término);
- XXVII) (Esclarecer as garantias quanto a liberdade de desistir ou de interromper a colaboração na pesquisa no momento em que desejar, sem necessidade de qualquer explicação ou penalização);
- XXVIII) (Informar sobre a garantia de manutenção do sigilo e da privacidade dos participantes da pesquisa durante todas as fases da pesquisa);
- XXIX) (Informar sobre a garantia de que os resultados serão mantidos em sigilo, exceto para fins de divulgação científica);

Atestado de interesse pelo conhecimento dos resultados da pesquisa:

( X ) Desejo conhecer os resultados desta pesquisa

( ) Não desejo conhecer os resultados desta pesquisa.

XXX) Atestado de consentimento para a gravação da voz e/ou imagem:

( X ) Consinto a gravação da minha voz e/ou imagem.

( ) Não consinto a gravação da minha voz e/ou imagem.

XXXI) (Informar sobre a garantia de recebimento de uma via do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, com todas as páginas rubricadas e aposição de assinatura na última página, pelo pesquisador responsável);

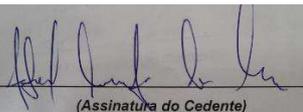
XXXII) (Explicitar da garantia de ressarcimento e como serão cobertas as despesas obtidas pelos participantes da pesquisa e dela decorrentes);

XXXIII) (Explicitar da garantia de indenização diante de eventuais danos decorrentes da pesquisa);

XI) Caso me sinta prejudicado(a) por participar desta pesquisa, poderei recorrer ao Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Educação e Saúde da Universidade Federal de Campina Grande, localizado na Rua Profª. Maria Anita Furtado Coelho, S/N, Sítio Olho D'Água da Bica, Bloco: Central de Laboratórios de Análises Clínicas (LAC), 1º andar, Sala 16. CEP: 58175 – 000, Cuité-PB, Tel: 3372 – 1835, E-mail: cep.ces.ufcg@gmail.com;

XII) Poderei também contactar o pesquisador responsável, por meio do endereço, e-mail e telefone (inserir endereço, e-mail e telefone institucional do pesquisador responsável).

**Campina Grande-PB, 03/09/2024.**



(Assinatura do Cedente)

---

**( X )Participante da pesquisa / ( )Responsável**



---

**Pesquisador responsável pelo projeto**  
José Otávio Aguiar



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA DO CENTRO DE EDUCAÇÃO E  
SAÚDE**



**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)**

**DO ORIENTE PARA O OCIDENTE:  
UM OLHAR SOBRE A PRÁTICA DO KUNG-FU (功夫) EM CAMPINA GRANDE**

Você está sendo convidado(a) a participar do projeto de pesquisa acima citado, desenvolvido sob responsabilidade do orientador Dr. José Otávio Aguiar - UFCG. O presente documento contém todas as informações necessárias sobre a pesquisa que estamos fazendo. Sua colaboração neste estudo será de muita importância para nós, mas se desistir a qualquer momento, isso não causará nenhum prejuízo a você.

---

Eu Aderson Sales de Lima, concordo de livre e espontânea vontade em participar como voluntário(a) do estudo "Do oriente para o ocidente: um olhar sobre a prática do kung-fu em campina grande". Declaro que obtive todas as informações necessárias, bem como todos os eventuais esclarecimentos quanto às dúvidas por mim apresentadas.

Estou ciente que:

- XXXIV) (Explicitar o(s) objetivo(s) da pesquisa);
- XXXV) (Descrever a justificativa e os procedimentos metodológicos de maneira compreensível ao participante da pesquisa);
- XXXVI) (Explicitar dos possíveis desconfortos, riscos e benefícios do estudo para o participante, e a garantia de que danos previsíveis serão evitados);
- XXXVII) (Esclarecer sobre o acompanhamento do participante da pesquisa durante a pesquisa e após o término);
- XXXVIII) (Esclarecer as garantias quanto a liberdade de desistir ou de interromper a colaboração na pesquisa no momento em que desejar, sem necessidade de qualquer explicação ou penalização);
- XXXIX) (Informar sobre a garantia de manutenção do sigilo e da privacidade dos participantes da pesquisa durante todas as fases da pesquisa);
- XL) (Informar sobre a garantia de que os resultados serão mantidos em sigilo, exceto para fins de divulgação científica);

Atestado de interesse pelo conhecimento dos resultados da pesquisa:

( X ) Desejo conhecer os resultados desta pesquisa

( ) Não desejo conhecer os resultados desta pesquisa.

XLII) Atestado de consentimento para a gravação da voz e/ou imagem:

( X ) Consinto a gravação da minha voz e/ou imagem.

( ) Não consinto a gravação da minha voz e/ou imagem.

XLII) (Informar sobre a garantia de recebimento de uma via do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, com todas as páginas rubricadas e aposição de assinatura na última página, pelo pesquisador responsável);

XLIII) (Explicitar da garantia de ressarcimento e como serão cobertas as despesas obtidas pelos participantes da pesquisa e dela decorrentes);

XLIV) (Explicitar da garantia de indenização diante de eventuais danos decorrentes da pesquisa);

XI) Caso me sinta prejudicado(a) por participar desta pesquisa, poderei recorrer ao Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Educação e Saúde da Universidade Federal de Campina Grande, localizado na Rua Profª. Maria Anita Furtado Coelho, S/N, Sítio Olho D'Água da Bica, Bloco: Central de Laboratórios de Análises Clínicas (LAC), 1º andar, Sala 16. CEP: 58175 – 000, Cuité-PB, Tel: 3372 – 1835, E-mail: cep.ces.ufcg@gmail.com;

XII) Poderei também contactar o pesquisador responsável, por meio do endereço, e-mail e telefone (inserir endereço, e-mail e telefone institucional do pesquisador responsável).

**Campina Grande-PB, 03/09/2024.**



---

( X ) Participante da pesquisa / ( ) Responsável



---

**Pesquisador responsável pelo projeto**  
José Otávio Aguiar